

## Martinho da Vila no mundo das crianças

*Martinho Conta... Cartola e Martinho Conta... Noel* são os dois primeiros títulos voltados para o público infantojuvenil, do sambista Martinho da Vila. Com ilustrações de Werner Schulz, os livros vão preencher uma lacuna no mercado literário do Brasil, em que ainda são poucos os registros sobre figuras de relevância musical para o país.

(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

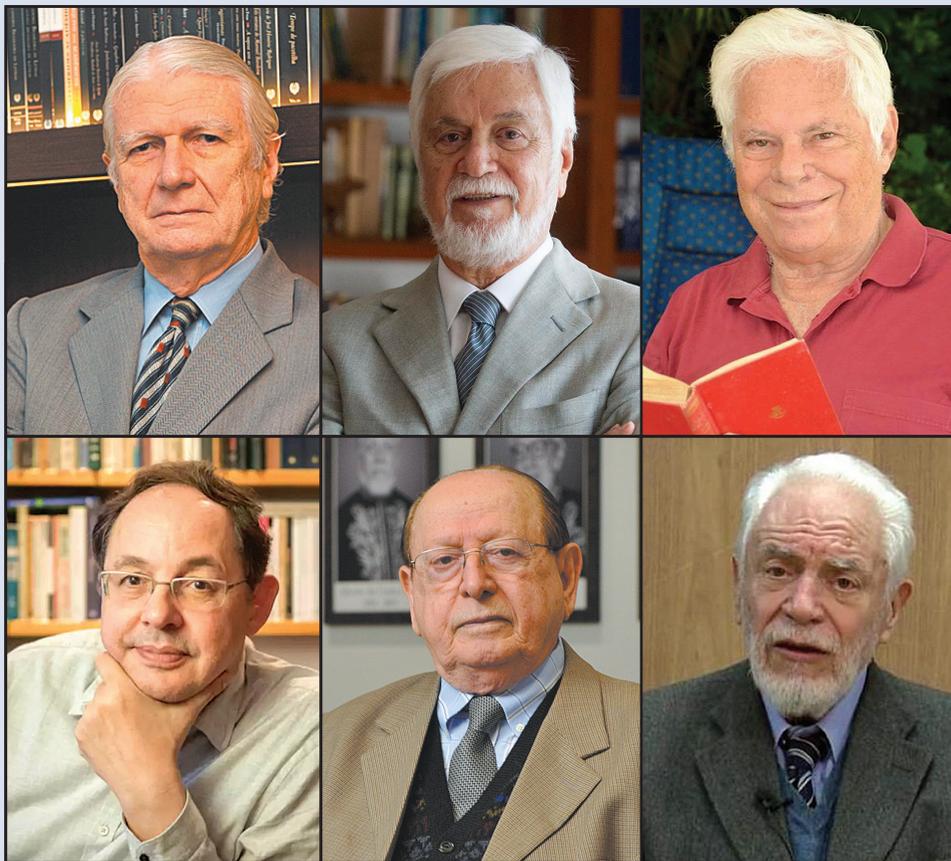


ACESSE:  
[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

## O GRANDE MARTINHO

Seguramente, depois da eleição de Gilberto Gil para a Academia Brasileira de Letras, o nome de Martinho da Vila saiu fortalecido. Ele era muito considerado também como candidato e, certamente, numa próxima oportunidade será lembrado, como merece. A repercussão da vitória de Gil foi tão grande que o tema ainda repercutirá (e muito). A média de vagas na Casa de Machado de Assis é de duas vagas por ano. Não estará longe, portanto, a chance de homenagear o autor de Duas Barras, um dos mais relevantes da música popular brasileira.

O editor.



O **JORNAL DE LETRAS** cumprimenta os aniversariantes deste mês: Geraldo Holanda Cavalcanti (06 de fevereiro), Edmar Bacha (14/02), Sergio Paulo Rouanet e Eduardo Giannetti (23/02), Evanildo Bechara e Cícero Sandroni (26/02).

## **J** Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

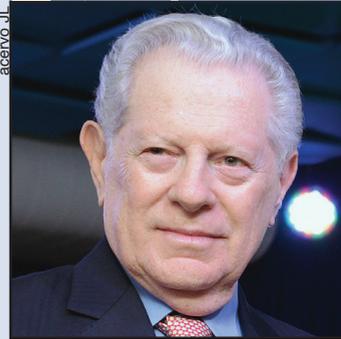
**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** www.jornaldeletras.com.br

O **JORNAL DE LETRAS** É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



## As profissões do futuro

Teremos, em 2022, muitas novidades na educação, sobretudo no que se refere ao ensino médio. Há profissões em alta e isso está sendo oferecido aos jovens, em todo o país. O comércio e as indústrias, de modo geral, abraçaram os processos de inovação e desenvolvimento tecnológico. Como resultado, todas as profissões têm absorvido o impacto da tecnologia nas relações de trabalho e demandam amadurecimento e maior entendimento das ferramentas digitais disponíveis

O mercado de trabalho vem se transformando há alguns anos, e a pandemia ajudou a potencializar esse processo. É preciso, cada vez mais, buscar o conhecimento disponível na área que se deseja trabalhar. Há muitos cursos gratuitos que são válidos, on-line ou presenciais. Vale lembrar: falar inglês é essencial. Além disso, quando conseguir uma vaga, é fundamental que o interessado se mostre proativo e ágil.

Os especialistas listam algumas áreas que serão destaque neste ano, como Enfermagem, Marketing (analista, especialista) e Mídia (mídias sociais com experiência em marketing digital, inovação e performance). É preciso se preparar para estar à altura da concorrência pelas oportunidades

Entre as carreiras em alta, estão a de “Analista martech”, responsável por estabelecer a integração entre a Tecnologia e o Marketing, aliando as demandas de Vendas e Marketing da empresa às melhores tecnologias a favor desses setores.

Outra carreira promissora é a de “Líder de live streaming”, cuja função é garantir o bom funcionamento das transmissões ao vivo e coordenar equipes dedicadas a entregar transmissões de qualidade para o público.

Mais uma atividade que vem se despontando é o “Piloto de drone”, responsável pelo controle da máquina para a produção de imagens e fotos aéreas, inspeções de estruturas, monitoramento agrícola, segurança pública etc.

Na área de Recursos Humanos, tem sido essencial a função de “Análise de pessoas” (People analytics), função responsável pelo processo de coleta, análise e geração de insights baseados em dados para a gestão de pessoas em empresas, e os “Especialistas em DEI”, responsáveis pelo planejamento, execução e monitoramento de estratégias que tenham como foco a inclusão das pessoas nas empresas.

Em tecnologia, não faltam opções, como “Arquiteto de soluções”, responsável pelo desenvolvimento, adequação e integração de novas soluções personalizadas aos processos já existentes nas organizações.

Enfim, é preciso conhecer as novas profissões e verificar quais são os requisitos para exercer os cargos disponíveis.

“Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar.”

Friedrich Nietzsche

“Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana.

Mas, em relação ao universo, ainda não tenho certeza absoluta.”

Albert Einstein

# A atualidade da Semana de Arte Moderna

Por Manoela Ferrari

“Seria uma semana de escândalos literários e artísticos, de meter os estribos na barriga da burguesiazinha paulista.” Foi assim que o pintor Di Cavalcante, um dos artistas que expôs sua obra na polêmica Semana de Arte Moderna, descreveu o evento artístico e cultural que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922. A proposta, que completa um século este mês, era apresentar uma nova estética artística para todos os campos das artes.

Era a elite paulistana quem formava a plateia do belo Teatro Municipal para participar dos eventos da Semana de Arte Moderna. Acostumados à estética da Academia francesa e à poesia rigorosamente metrificada, vestiam-se elegantemente para assistir as apresentações musicais de Heitor Villa-Lobos e Guiomar Novais.

Na contramão do que desejava a burguesia, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti, Anita Malfatti e outros jovens artistas brasileiros estavam convencidos de que era preciso mudar o jeito de fazer arte no Brasil. Os ventos da modernidade chocaram a plateia do teatro lotado. Ronald de Carvalho declamou em alto e bom som o poema Os Sapos, de Manuel Bandeira, que criticava o gosto da refinada poesia parnasiana.

O evento buscou implementar novos processos na confecção das artes, o que causou a estranheza de imediato. Nos dias seguintes, os jornais registravam aquele evento como uma “verdadeira falta de respeito à gente tão refinada, à nata da sociedade paulistana, acintosamente agredida por aquele bando de loucos futuristas” (denominação que se dava aos modernistas na época).

Um dos principais objetivos do movimento era o rompimento com a estética da arte acadêmica, especialmente do parnasianismo. A informalidade, o improvisado e a liberdade de produção tornaram-se regra da arte moderna, de modo a romper o formalismo das artes até então vigentes.

## O MOMENTO

A Semana de Arte Moderna ocorreu no ano do centenário da Independência do Brasil. O mundo assistia ao fim de uma grande guerra. Tudo se renovava nas estruturas mentais e políticas da sociedade. A ocasião motivou alguns dos artistas a repensarem a identidade nacional e a buscar algo mais brasileiro.

Considerado um divisor de águas na cultura brasileira, a defesa de um novo ponto de vista estético e o compromisso com a independência cultural do país fizeram do modernismo sinônimo de “estilo novo”.

O festival incluiu exposição com cerca de 100 obras, aberta diariamente no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, e três sessões lítero-musicais noturnas. Os artistas, influenciados pelas vanguardas europeias e pela renovação geral no panorama da arte ocidental, uniram esforços para apresentar suas produções ao grande público. Apesar da força literária do grupo modernista, as artes plásticas eram a principal base do movimento.

A principal função da Semana de 22 para a história da arte brasileira foi romper o conservadorismo vigente no cenário cultural da época. Não havia um conceito que unisse os artistas, nem um programa estético definido. A intenção era destruir o *status quo*. E eles conseguiram.

## COMEMORAÇÃO

A programação para comemorar o centenário da Semana de Arte Moderna de 22 inclui vários eventos culturais, entre exposições, audiovisuais, lançamentos de livros, dança, música, debates, palestras e outros eventos. O Governo de São Paulo lançou o grande projeto “Modernismo Hoje”, uma ação coordenada pelas secretarias de Cultura e Economia Criativa e de Turismo. Uma agenda com mais de 100 iniciativas, de julho de 2021 a dezembro de 2022 (18 meses), celebram o legado. Sessenta instituições, corpos artísticos, espaços e programas culturais participarão das comemorações, entre as quais, citamos:

– Exposição Candido Portinari, um Mestre da Pintura – Coletânea Virtual no Museu Casa de Portinari, com tecnologia de realidade aumentada reunindo a vasta produção do pintor (13 de fevereiro a 22 de agosto de 2022 – Brodowski/SP).

– Exposição e debates “Modernismo Brasileiro, Design e Arquitetura – 1922 e Depois (?)” no Museu da Casa Brasileira, sobre o pioneirismo modernista de designers que atuaram no período da Semana de 22 e a continuidade desses ideais na produção contemporânea (1º trimestre de 2022).

– Exposição e programação cultural “SP Vinte e Dois” no Museu da Língua Portuguesa sobre identidades nacionais e regionais na literatura, à luz do moder-

nismo e da relação centro-periferia em São Paulo (abertura exposição 11 de junho / programação cultural fevereiro a setembro de 2022).

– Exposição e programação cultural “De 1822 a 1922: Brasilidades em Campo” no Museu do Futebol (25 de janeiro a junho de 2022).

– Exposição “Acervo Modernista” na Pinacoteca de São Paulo, com obras de artistas modernistas do acervo da instituição (Até dezembro de 2022).

– Festa literária “Língua SP” no Museu da Língua Portuguesa, com literatura, gastronomia, moda, artes plásticas, tecnologia e música com temática alusiva à Semana de Arte de 22 e seus protagonistas (16 e 17 de julho de 2022).

– Série de concertos “Clássicos Modernistas”, com a execução pela Osesp na Sala São Paulo de 100 obras de compositores influenciados pelo modernismo (março a dezembro de 2022).

– Ciclo de leituras dramáticas “Modernistas na Mesa” na Oficina Cultural Oswald de Andrade, com obras clássicas e contemporâneas de dramaturgos que tratam o modernismo em seus textos (abril a junho de 2022).

– Batalha de poesia “Slam de 22” na Biblioteca de São Paulo, com oficinas preparatórias e uma apresentação durante o centenário da Semana de 22 (outubro de 2021 a fevereiro de 2022).

– Reedição ampliada do raro livro de Mário de Andrade *O Movimento Modernista*, organizado pela Casa Mário de Andrade (Lançamento em 27 de fevereiro de 2022).

– Lançamento de seis livros (Editora Companhia das Letras) que refletem sobre o legado modernista, do qual Oswald de Andrade (1890-1954) é um dos maiores representantes:

De Oswald, autor do Manifesto antropofágico e Manifesto da poesia paulista-brasil, a editora vai lançar o romance *Serafim Ponte Grande* – como parte de um projeto, iniciado em 2016, que vai reeditar toda obra do escritor paulistano – e seu *Diário Confessional*, no qual acontecimentos pessoais se misturam com reflexões sobre filosofia, literatura e arte.

Outro nome do modernismo brasileiro, Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), está presente na iniciativa: “Parque industrial” (1933), da escritora que ficou conhecida como Pagu, analisa a dura realidade da classe operária de São Paulo.

A obra “Modernismos / 1922-2022”, organizado por Gênese Andrade, reúne 29 ensaios sobre os antecedentes e desdobramentos das várias formas de expressão do movimento. E ainda “Modernidade em preto e branco”, de Rafael Cardoso, investiga o florescer – e as várias tensões – do movimento no Rio de Janeiro.

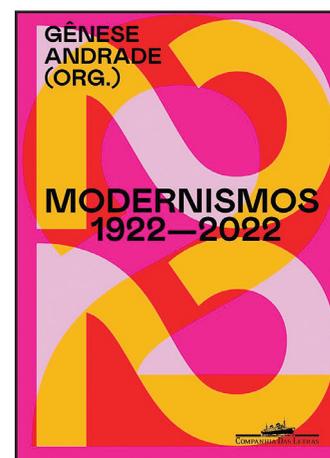
A importância da moda é analisada no livro *O Guarda-roupa Modernista*, onde Carolina Casarin mostra que a forma de se vestir dos protagonistas do movimento, com destaque para o casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral (1886-1973), fez parte de um calculado gesto de afirmação.



Encontro de escritores da Semana de Arte Moderna de 1922, entre eles, Manuel Bandeira, Godofredo da Silva Teles, Candido Mota Filho e Oswald de Andrade.



Inédito, o livro *O Guarda-roupa Modernista*, de Carolina Casarin, revela como os ideais modernistas e as contradições do movimento podem ser compreendidos a partir da escolha das roupas do casal Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, dois notáveis intérpretes do Brasil.



Vinte e nove ensaios inéditos que festejam, questionam e provocam reflexões sobre a Semana de 22 e seus desdobramentos, estão presentes neste livro, organizado por Gênese Andrade para a Companhia das Letras.

● **1922 E DEPOIS: TARSILA, ANITA, DIE OUTROS PERSONAGENS** (Editora Nova Fronteira) reúne textos escritos entre 1927 e 1988. Os ensaios da antologia foram publicados em jornais, revistas e catálogos da época.

● **EM CANTO DE RAINHAS** (Editora Agir), o jornalista Leonardo Bruno parte do perfil de cinco cantoras para mostrar a importância das mulheres para o samba, desde o início. Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes, Dona Ivone Lara e Elza Soares são as protagonistas.

● **UMA LUZ INESPERADA** (Companhia das Letrinhas), de José Saramago, ilustrado pelo mexicano Armando Fonseca, faz parte das celebrações pelos 100 anos do Nobel de Literatura. A editora também está relançando outro título infantil do escritor português: *O Silêncio da Água*, com ilustrações de Yolanda Mosquera.

● **O PÁTIO DOS CANHÕES** do Museu Histórico Nacional – oficialmente batizado como Pátio Epitácio Pessoa – com um dos maiores acervos de canhões do Brasil ganhou uma publicação bilíngue. A publicação, da Editora MHN, organizado pelo Núcleo de Pesquisa do museu, reúne textos e fotos com detalhes dos objetos.

● **NAS CRÔNICAS DE MAS EM QUE MUNDO TU VIVE?** (Todavia, 2021), terceiro livro do gaúcho José Falero, o autor aborda trabalho exaustivo, fome e racismo da perspectiva dos trabalhadores.

● **O QUE FRIDA FARIA?**, da jornalista Arianna Davis, traduzida por Ana Guadalupe para a Editora Principium, pode ser vista como uma espécie de manual de autoajuda feito a partir da trajetória de Frida Kahlo, uma das maiores artistas do século XX.

● **NA OBRA JOÃO GUIMARÃES ROSA: A FICÇÃO À BEIRA DO NADA** (Ed. Relicário), o filósofo francês Jacques Rancière reforça a inesgotável capacidade do autor de Grande Sertão: veredas para criar histórias.

● **NA ANTOLOGIA POEMAS PARA EXUMAR A HISTÓRIA VIVA** (Editora Cult), o organizador Alberto Pucheu reuniu 25 poemas de autores que foram alvo do regime militar no Brasil, tais como Ferreira Gullar e Thiago de Mello.

● **UMA MULHER SEM AMBIÇÃO** (Editora DBA), de Sabina Anzuategui, retrata personagens desorientados diante da liberdade.

● **ENTRE AVENTURAS COM DRAGÕES, RIMAS E DESAFIOS, HERÓIS E HEROÍNAS DO CORDEL** (Companhia das Letrinhas), de Januária Cristina Alves, reúne cinco narrativas assinadas por grandes nomes da literatura de cordel brasileira.

● **SOBREVIVENTE** do rock de Seattle dos anos 1990, o vocalista Mark Lanegan, do grupo Screaming Trees, narra suas memórias em *Sing Backwards and Weep: memórias*, traduzido por Carlos Messias para a Editora Terreno Estranho.

● **A HISTÓRIA** da banda de rock Blitz, a partir da trupe teatral Asdrúbal trouxe o Trombone, vai virar filme, com Evandro Mesquita como o narrador. O roteiro é de LG Bayão e a direção de João Dornelas e Pedro Pereira, da produtora Saigon.

● **O JORNALISTA** e historiador Max Hastings, autor de 26 livros, escreveu *Vietnã – Uma tragédia épica* (Ed. Intrínseca) a partir de entrevistas feitas no período de um dos episódios mais sangrentos da História mundial.

● **A AUTORA** gaúcha Clara Corleone lançou *Por que Era Ela, Por que Era Eu* (Editora L&PM), primeiro romance após seu premiado livro de crônicas *Infelizmente o homem tem que acabar*.

● **GAUGAMELA** (Ed. Francisco Alves), de Cláudio Guimarães dos Santos, que tira seu título de uma batalha histórica, reúne 25 poemas finalizados nos últimos anos, durante a pandemia.

● **QUESTÕES** de diversidade e pertencimento conduzem a narrativa de *Este Não É o Seu Lar*, romance de estreia da britânica Natasha Brown, traduzido por Fernanda Consenza para a Editora Tordesilhas.

● **SALVATIERRA** (Ed. Todavia), do argentino Pedro Mairal, editado agora no Brasil, foi escrito pelo premiado autor argentino no início dos anos 2000.

● **A NARRADORA SEM NOME DE CORRENTES** (Ed. Todavia), da Nobel de Literatura polonesa Olga Tokarczuk, desafia os limites da

## LITERAL MENTE



linguagem e revela as inquietações de uma autora em busca da imperfeição.

● **A EDITORA ROCCO** lança, este ano, dois livros da canadense Margaret Atwood, autora do *Conto de Aia*. A antologia de contos *Stone Matress* e o romance *The Heart Goes Last*.

● **O FILÓSOFO** no porta-luvas (Ed. Todavia), de Juliano Garcia Pessanha, explora o discurso poético vazio do mundo teórico, promovendo uma mistura de ficção fantástica e manifesto panfletário.

● **A CIDADE DO VAPOR** (Ed. Suma das Letras), livro póstumo de Carlos Ruiz Zafón, reúne 11 contos do autor de *A Sombra do Vento*, romance best-seller do escritor de língua espanhola mais lido no mundo, depois de Cervantes.

● **ISTO NÃO É UM ROMANCE** (Ed. Nova Fronteira), do luso-brasileiro Cunha de Leiradella, repassa lembranças da infância e juventude, conduzindo o leitor pelas paisagens portuguesas dos anos 1950.

● **EM OS NÚMEROS NÃO MENTEM** (Ed. Intrínseca), o autor Vaclav Smil tenta mostrar, através de dados que mesclam história e ciência, a verdade transmitida pelos números em diversos campos do saber.

● **CAROL MEYER**, mineira radicada no Rio de Janeiro, faz sua estreia na literatura com *Aves Marias*

(Ed. Astrolábio), contando 12 histórias de mulheres que mesclam realidade e ficção, prosa e poesia.

● **JEFFERSON BATISTA**, a partir de cenários que construiu com algodão, arame, isopor, papel, madeira e tecido, assina as ilustrações de *Preta de Ébano*, livro de Gisela de Castro que saiu pela Editora Zucca.

● **ISSO É PRAZER + A DIFICULDADE DE SEGUIR AS REGRAS**, de Mary Gaitskill, reúne dois textos que refutam dogmas e respostas fáceis e não toleram a violência. O livro foi traduzido por Bruna Beber para a Editora Fósforo.

● **UMA COROA DE ESPADAS**, de Robert Jordan, ganhou tradução de Mariana Serpa e Rafael Miranda Rodrigues para a Editora Intrínseca.

● **O LOBO E OUTROS CONTOS** (Ed. Todavia), antologia de Herman Hesse inédita no Brasil, parte do conto "O lobo", uma das criações emblemáticas do alemão vencedor do Nobel de 1946.

● **O ROMANCE Bem-vinda à América** (Ed. Rua do Sabão), da sueca Linda Boström Knausgård, explora as tensões de uma família a partir de uma garota que decide parar de falar.

● **AS MAIORES NOVIDADES: UMA VIAGEM NO TEMPO** (Ed. Mapa lab), quinto romance de Marcelo Ferroni, recorre à ficção científica para retratar o mundo distópico das grandes corporações.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Cheque cancelado

“Marcelo não aceitou o pagamento do corte de cabelo em cheque.”

Nem poderia! Veja: **xeque** (risco) e **cheque** (documento bancário) são palavras homônimas homófonas e heterógrafas, ou seja, têm som igual e grafia diferente.

Frase correta: “Marcelo não aceitou o pagamento do corte de cabelo em cheque.”



## Regência verbal

Alguns verbos possuem mais de uma regência, como, por exemplo, o verbo **custar**:

**a - no sentido de ser custoso, ser difícil:** é regido pela preposição **a**.

Ex.: “**Custou ao** balconista para entender o que o médico escreveu na receita.”

**b - no sentido de acarretar, exigir, obter por meio de:** usa-se **sem** preposição.

Ex.: “O sítio **custou-me** todas as economias.”

**c - no sentido de ter valor de, ter o preço:** usa-se **sem** preposição.

Ex.: “Iates **custam** caro.”

## Jogo desastrado

“Joel assistiu o jogo do Palmeiras ao lado do filho, mas o time perdeu.”

Que lástima! Falharam a zaga do time e a regência verbal. O verbo **assistir, no sentido de ver, presenciar:** exige a preposição “a”. Ex.: “Não assistimos **ao** show.”

Frase correta: “Joel assistiu ao jogo do Palmeiras ao lado do filho, mas o time perdeu.”

## Capim santo

“Nayara levou Amanda para colher capim açu, no cerrado da Bahia.”

Dessa maneira, não vão colher nada.

Veja: Deve-se usar o hífen com os **sufixos** de origem **tupi-guarani**: **açu**, **guaçu** e **mirim**.

Ex.: **amoré-guaçu**, **anajá-mirim**.

Frase correta: “Nayara levou Amanda para colher **capim-açu**, no cerrado da Bahia.”

## Flores em profusão

“Vesna adorava o jasmim, mas preferiu fazer um jardim de madre-silvas.”

Não vai florescer, escrevendo assim! Veja: Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição. Ex.: paraquedas, pontapé etc. Frase correta: “Vesna adorava o jasmim, mas preferiu fazer um jardim de **madressilvas**.”

## Beleza pura?

“Guacyra discutiu muito com a atendente da loja que vendeu o anti-rugas fora da validade.”

Fez bem! Produtos fora da validade podem causar sérios problemas ao organismo.

Veja: Não se usa o hífen quando o prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **r** ou **s**. Nesse caso, duplicam-se essas letras. Ex.: **minissaia**, **ultrassom**, **semirreta** etc.

Frase correta: “Guacyra discutiu muito com a atendente da loja que vendeu o antirugas fora da validade.”

## Viajante do espaço

“Janaína queria uma nave inter-estelar de presente de aniversário.”

Não será atendida. Veja: Quando o prefixo termina por **consoante**, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por **vogal**. Ex.: **superaquecimento**, **interestudantil** etc.

Frase correta: “Janaína queria uma nave **interestelar** de presente de aniversário.”

## Diariamente

“Ester não come arroz e feijão no seu dia-a-dia.”

Dessa maneira, vai acabar com inanição. Veja: conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se emprega mais hífen na expressão **dia a dia** (locução substantiva).

Frase correta: “Ester não come arroz e feijão no seu **dia a dia**.”

## Perdido

“Guanayra não sabe onde pôs o inseticida aerossol.”

Assim, não vai achar nunca!

A palavra aerossol está escrita de forma errada.

Veja: as palavras formadas pelo prefixo **aero** seguidas do segundo elemento iniciados por **r** ou **s**, estas consoantes se duplicam.

Ex.: **aerossinusite**, **aerorraquia**.

Frase correta: “Guanayra não sabe onde pôs o inseticida **aerossol**.”

## Mau agouro

“Ana Paula tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão asar.”

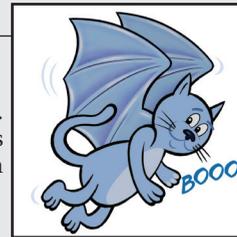
Gato voa? Da forma como ela redigiu, é a impressão que se tem.

Veja: **Azar** e **asar** são palavras **parônimas**, ou seja, vocábulos que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido.

**Azar** – má sorte, casualidade, desgraça

**Asar** – guarnecer ou dispor de asas

Frase correta: “Ana Paula tem medo dos gatos pretos, diz que eles dão **azar**.”



# Conversa para quase um poema em prosa

Pe. Silmar Fernandes\*

Ele desejou um voo de centelhas com outros amigos que pareciam pássaros. Alguém falou em desengano? É que ave livre não aceita conchavos nem o percurso de sempre na geografia de um céu com favos a tremular o lábaro de 27 estrelas.

E houve permuta de interesses? Falou o velho mendigo à porta da igreja. Indagação óbvia para quem viu a flor azul. Ah, há muitas espécies de seres!

Quem tem de obedecer pensa na mesa com pão, no vil metal que Adão conquistou pela Serpente?

O Pão é sagrado, dizia minha avó, jovem viúva aos 27 anos, católica feliz de batismo e de vida, mãe de um casal de filhos que alegraram no lugar de seu pendão natal muitos dias ao sabor do rio, da lagoa e do mar entre pescadores, manguezais e navios. Ali nasceu a Fábrica de Tipity e seu engenhoso fundador, o Barão Ludwig Von Kummer – sua luta por uma Áustria Livre – procedente dos Habsburgos. Eu não vi o primitivo Sertão Sanjoanense.

Saibam, porém, aqueles que me ouvem: a vida pulsa pela fome. E o soldo do fraco Adão, fulge mais que o pão?

Come migalhas o homem de qualquer Além sem nome.

Ó Gênesis da hora amarga do Criador! Comerás do pão com o suor do teu rosto?

Ó passante que conheci pelo caminho! Foi providência do céu ou armadilha do Anjo decaído? Forças ocultas têm ofuscado a esperança da tua firme querença.

Viva és tu, João do deserto, do mel silvestre e dos gafanhotos! Daquela fonte do Rio Jordão cedeu o Batista ao Cristo que também o redimiu. Da tua cabeça decepada mil mártires marcharam contigo com suas palmas da vitória e fecundam silenciosamente hoje o coração da Igreja, do teu Cordeiro amigo e anunciado por ti, a tirar o mal e a vilania do mundo inerte.

Vejam agora, amigos meus, a multidão sob a benção Urbi et Orbi. Florescem continuamente as flores brancas na Terra Santa, onde um Pedro escolhido sofreu o branco martírio na cidade de Roma, eterna.

Campos de concentração abomináveis! Câmaras de gás pérfidas! Grita um infante pio de 12 anos com sua boina e jornais na mão.

Mas quem esperaria sobreviventes que com lágrimas cantariam e carregariam seus feixes?

E o levita teimoso acreditava no voo de centelhas.

\*Pe. Silmar Fernandes é curador da Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

**ANCELMO GOIS**

# Trabalhar no que gosta cansa menos

**Arnaldo Niskier:** Estamos recebendo, com muita honra, o jornalista sergipano Anselmo Gois. É difícil catar notícias para sua coluna de *O Globo*?

**Anselmo Gois:** No mundo de hoje, há uma overdose de informação. Não estou falando do ponto de vista qualitativo, mas do ponto de vista quantitativo. É uma loucura. Você realmente é bombardeado por uma quantidade de informação insurável. Antigamente, o jornal *The New York Times* se orgulhava de dizer que, numa única edição de seu jornal, tinha mais e diversificadas informações do que um ser humano do século XV ou XVI poderia absorver. E estamos falando ainda de uma época pré-internet. Da mesma maneira que, na história do Brasil, contamos do século do ouro, do século da cana de açúcar, estamos vivendo, na minha opinião, os tempos da informação.

**Arnaldo Niskier:** O que a 5G pode representar para o jornalismo brasileiro?

**Anselmo Gois:** Representa uma velocidade infinitamente maior, mais do que velocidade, facilidade, incluindo novas fronteiras, cidades da fronteira ali da Colômbia, cidades da fronteira da Venezuela. Vamos botar mais pessoas habilitadas a digerir informação, devolver informação numa velocidade ainda maior, num padrão de qualidade visual ainda maior.

**Arnaldo Niskier:** Certamente isso vai ajudar a educação.

**Anselmo Gois:** Esse mundo digital é avassalador, onde passa ele leva. É difícil você olhar hoje a área do conhecimento humano em que o mundo digital não chegou e causou grandes alvoroços: positivos em uns, negativos em outros. Acho que a digitalização do mundo é uma coisa inexorável e não dá para perceber com clareza onde isso vai parar, quem disser que sabe está mal informado. Na maioria dos lugares, é coisa boa; em outros lugares, já não é a mesma coisa. Por exemplo: temos aqui no Rio de Janeiro a sede da Vale, grande mineradora brasileira. Ela, antes da pandemia, ocupava quinze andares no prédio anexo à Fundação Getúlio Vargas, na Praia de Botafogo. Estão devolvendo sete andares. O que vão fazer com esses oito andares? Não vão demitir ninguém, é o projeto, mas farão com que uma parte trabalhe em casa e deixarão alguns andares como um lugar aberto para reuniões. Você está trabalhando em casa, mas você, de sua área, precisa ter uma reunião presencial, entra no aplicativo e diz: "Querida, na quinta-feira, uma sala no prédio." Acho isso tudo bonito, maravilhoso, mas ao mesmo tempo fico temendo (talvez seja uma coisa de velhice, me desculpe) pelo cara que vende cafezinho ali ao lado. Quando você tira daquela região sete andares entupidos de gente, você está tirando muito comércio local.

**Arnaldo Niskier:** Claro, tem que pensar no conjunto.

**Anselmo Gois:** Acho que o maior desafio do País é devolver vida ao centro do Rio. Hoje, 1/3 daqueles imóveis estão à disposição para locação ou venda. Vamos botar gente para morar lá, mas essas coisas não são fáceis, não são garantidas.

**Arnaldo Niskier:** Será que é uma boa ideia?

**Anselmo Gois:** Estamos vivendo a verdadeira era da incerteza. Mas é comovente, é interessante, ninguém morre de tédio, todo mundo tem que se adaptar de alguma maneira, mas ainda tenho muitas dúvidas sobre como vai abrigar... Por exemplo, hoje nos Estados Unidos... Outro dia estava lendo uma matéria com a qual fiquei encantado, era o seguinte: há uma situação de pleno emprego, em que pese boa parte da sociedade americana estar trabalhando em casa. Então, para mim, é a melhor notícia do mundo,

todo mundo bem, inclusive quem fosse em uma loja do McDonald's fazer uma ficha de emprego ganhava 50 dólares. Isso é uma maravilha. Agora não sei quando você transplanta isso para uma realidade como a nossa, porque somos vários países em um só. Temos gente de todo tipo: grandes médicos, grandes arquitetos, grandes professores, mas temos também grande massa de gente. Enfim, não sei como isso vai acomodar a sociedade brasileira.

**Arnaldo Niskier:** Essa é a sua curiosidade como jornalista e é a minha também como jornalista. É um privilégio trabalhar no *O Globo*, o maior jornal do país e com repercussão extraordinária. Você tem esse prazer com a atividade que exerce de estar trabalhando no jornal *O Globo*?

**Anselmo Gois:** Com certeza. A primeira coisa que acho é assim: trabalhar no que você gosta cansa menos. Exemplo: uma coisa é você dirigir um carro se não gosta de dirigir. Se dirigir meia hora, está cansado. Se um amigo seu gosta de dirigir, dirige cinco horas e parece que acordou agora, está bem. Então, gostar do que faz, isso vale para qualquer profissão, é meio caminho andado, ao lado de outra coisa que é a humildade. Se você tiver humildade, vai crescer. Mas, voltando ao *O Globo*, tenho quase 50 anos de jornalismo aqui no Rio de Janeiro. Tenho quase 20 anos de *Globo* e fiz os primeiros 30 anos da minha profissão no Rio fora de *O Globo*. *Jornal do Brasil*, *Veja*... Tinha dúvidas, porque era uma grande novidade e, na verdade, era o seguinte: nesses 30 anos anteriores, trabalhei praticamente com as mesmas pessoas. Mudava de emprego, mas não mudava no meu entorno, o que me dava um conforto muito grande...

**Arnaldo Niskier:** Você está falando do Informe JB?

**Anselmo Gois:** Isso. Estava trabalhando com o Marcos Sá Corrêa, Roberto Pompeu de Toledo, Flávio, estava trabalhando com os de sempre. Lá no *O Globo*, conheci o Merval, ele foi editor de política da *Veja* numa época em que eu trabalhava lá, então tinha uma relação pessoal com ele, mas não conhecia mais ninguém e fui muito bem recebido. Fui tratado, como se diz lá na minha terra, "a pão de ló", sempre muito bem tratado, sempre muito respeitado, sem ter dificuldade de fazer a coluna. A coluna é um negócio assim de umas 8 mil notas por ano, então é evidente que você comete erros, é evidente que você tropece, num universo de 8 mil e com a pretensão que tem a Coluna de ser, não ter um assunto só. Quando você só cobre política, é mais fácil você entender aquele mundo, porque só é um mundo, mas falar desde mulata a artistas... São muitos mundos para um ser humano conhecer só. E, nessas horas de dificuldade, sempre foi uma relação, digo a você com a maior tranquilidade, muito respeitosa, até às vezes diferente, mas respeitando, porque é aquele negócio do poeta lá: quando a alma não é pequena, vale a pena. Quando você está jogando o jogo direito, não está a fim de esculhambar, está a fim de fazer um trabalho sério, pode errar, mas está de boa fé no jogo, é tudo mais fácil. Encontrei boa fé e acho que eles encontraram em mim também, jogando muito limpo.

**Arnaldo Niskier:** Você admite que erra de vez em quando?

**Anselmo Gois:** Pela diversidade de assunto, é impossível. Você vai aprendendo os truques. Por exemplo: você sabe que, para notícias envolvendo a área financeira, tem que pesquisar mais de uma vez, porque evidentemente, mais ontem do que hoje, esse tipo de notícia desestabiliza, provocaria, em tese, corrida bancária, provocaria estragos enormes.

**Arnaldo Niskier:** Isso não é bom.

**Anselmo Gois:** Não é bom. Vou confessar algo aqui

muito claramente. Adoro o Ziraldo e, para a literatura infantil brasileira, não conheço ninguém que tenha contribuído tanto no livro infantil como ele. Tinha que dar uma nota dele e tinha uma foto recente que ele não estava bem de saúde (o que também é normal, com todos nós vai acontecer isso), mas não publiquei. Por que não publiquei? Porque não publiquei, não queria...

**Arnaldo Niskier:** Você resolveu não publicar.

**Anselmo Gois:** Publiquei a informação, mas não publiquei a foto dele, porque achei que não deveria. Quero que as pessoas guardem sempre uma outra imagem. Sabe o que estou falando? Você vai aprendendo a manejar, não estou dizendo que você não erra, mas vai aprendendo os truques. Vai aprendendo, por exemplo, que o Antônio Carlos Magalhães era a grande fonte do Brasil, que não lhe botava em fria, e que outros que estão aí podem lhe botar em fria, podem jogar uma casca de banana para você escorregar. Então, é uma relação que você vai aprendendo. Acho que você termina estabelecendo relações de confiança múltipla. Você vai aprendendo, ainda assim erra, mas vai aprendendo quem são as pessoas...

**Arnaldo Niskier:** Você se dava com o também sergipano Joel Silveira? Ele escrevia muito bem.

**Anselmo Gois:** Gerações diferentes, muita coisa em comum, ele foi presidente... Antigamente, em Aracaju, cidade pequeninha, tinha lá o Colégio Estadual, que é o Pedro II daqui. Aliás era o único colégio público da cidade e o Joel foi presidente do grêmio, eu fui presidente do grêmio...

**Arnaldo Niskier:** Você tem admiração pela educação?

**Anselmo Gois:** Evidente que tenho e acho que a educação poderia estar mais no centro de debate no Brasil, se não fossem as confusões do país, a inflação... Era muito amigo do professor Mário Henrique Simonsen. Toda primeira terça-feira do mês, comíamos um macarrão juntos. Ele gostava de educação, como gostava de tudo, tinha uma inteligência brilhante, chegou até a ser o primeiro presidente do Mobral, que era um programa de alfabetização de adultos. Uma vez ele mostrou, por exemplo, como o Plano Real, que é de 1994 e acabou com a inflação muito alta, mudou a cara do noticiário brasileiro. As pessoas comprovam o jornal, ligavam o rádio ou viam televisão e se interessavam principalmente pelas questões econômicas, por exemplo: o salário mínimo vai aumentar tanto, o aluguel de casa vai ser tanto, a caderneta de poupança esse mês vai ser tanto. Acho que poderíamos (não sei se é um mea-culpa da mídia) ter dado mais espaço a educação, que merece, como dão a média da imprensa internacional, poderíamos dar mais relevância a esse tema, todas as plataformas, se não tivéssemos um país tão complicado. Esse negócio da pandemia (já já é um problema mundial)... Evidentemente que 10%, 15, 20% do espaço jornalístico no mundo inteiro é dedicado à pandemia. Então, se tinha na agenda inicial falar da educação, diminui. Esses temas mais polêmicos, sensacionais, Fla x Flu terminam dominando a pauta. Na minha modesta opinião, visto o que aconteceu comigo nos últimos 50 anos, a educação é uma das vítimas do jornalismo que fizemos, envolvido, naturalmente, de coisas do dia a dia...

**Arnaldo Niskier:** Qual a notícia sobre educação que você gostaria de dar na primeira página de *O Globo*?

**Anselmo Gois:** Gostaria que a educação pública... Gostaria que a educação que tive com meus professores, o meu prazer eu tivesse. Em Sergipe, estudei no curso clássico. Tínhamos um clube de geologia, fundamos e existe até hoje a arcádia cultural do Colégio Estadual de Sergipe. Eu era o arcade de José Lins do Rêgo, defendi uma tese sobre José Lins do Rêgo, num curso clássico. Tinha aula de latim, de francês, de inglês, de humanidade. Tive professores maravilhosos.

**Arnaldo Niskier:** Cuidava-se de cultura como nunca.

**Anselmo Gois:** Sergipe é a terra do Tobias Barreto e do Sílvio Romero. Fizemos uma Biblioteca Tobias Barreto no nosso colégio, tinha jornada de geologia...

**Arnaldo Niskier:** O Tobias Barreto nunca esteve no Rio de Janeiro. Ter a cultura que teve e usar essa cultura como usou na literatura brasileira sem nunca ter estado na capital do país, que era o Rio de Janeiro. Qual a notícia que você gostaria de dar brevemente no *O Globo*? "Acabou a pandemia" seria uma?

**Anselmo Gois:** Seria ótimo, mas gostaria que o país fosse mais justo, que fosse igual para todo mundo.

**Arnaldo Niskier:** Para isso, era preciso que houvesse emprego para todo mundo. Em última instância, que haja justiça social, todos ficaríamos felizes e muito felizes.

# J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## GEOGRAFIA DAS ÁGUAS

Geografia das Águas e Geopolítica Local: o caso da seca no norte do Estado do Espírito Santo (Brasil) (Editora Dialética, 2022) é resultado da tese de doutorado de Tarcísio José Föeiger, na Universidade de Coimbra. Cinco anos e quatrocentas páginas depois, o estudo aborda a questão da seca na região norte do Estado do ES, suas principais características e condições. A obra analisa, de forma crítica, as políticas públicas e os mecanismos de gestão dos recursos hídricos que afetam diferentes setores. Ao interpretar esses movimentos, identificou-se um processo segregatório e seus efeitos sobre parcelas da população local. O estudo indica a necessidade de se trilhar novos caminhos, por meio do aprimoramento das articulações políticas de base, sobretudo das minorias de origem étnica envolvidas no processo.

Tarcísio José Föeiger é graduado em Geografia pela Universidade Federal do ES, mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, e doutor em Geografia Humana pela Universidade de Coimbra – Portugal. Atuando em diversos órgãos ambientais, foi presidente do Instituto Estadual de Meio Ambiente do ES – IEMA, além de superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Atualmente, é secretário de Meio Ambiente do município de Vitória (ES) e presidente do Comitê de Bacia do Rio Santa Maria da Vitória.

## VERIDIANAS – O LIVRO DE AFORISMOS

Em seu recente lançamento, *Veridianas – O livro de aforismos* (Editora Serena, 2021) Carlos Nejar, um dos principais nomes da poesia brasileira, reúne pensamentos impactantes, levando ao leitor, de forma intensa, suas percepções sobre o entendimento da vida. Do alto da sabedoria de quem tem sido estudado nas universidades do Brasil e do exterior, traduzido em várias línguas, o escritor gaúcho (indicado ao Nobel de Literatura, em 2019), com imensa capacidade linguística, explicita sentimentos, verdades, angústias e reflexões, proferidos de forma sucinta, fundamento do estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica magistralmente dominada pelo poeta. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia, Luiz Carlos Verzoni Nejar, nascido em Porto Alegre no dia 11 de janeiro de 1939, construiu obra importante em vários gêneros da literatura, indo da poesia ao romance, teatro, conto, ensaio e literatura infantojuvenil. É considerado um dos 37 escritores-chave do século, entre 300 autores memoráveis, no período compreendido de 1890-1990, segundo ensaio, em livro, do crítico suíço Gustav Siebenmann. Na orelha de *Veridianas – O livro de aforismos*, Gabriel Chalita ressalta a universalidade do poeta dos pampas: “Nejar é a coerência do homem e da obra. Quem o encontra, encontra a elegância, encontra a generosidade, encontra um operário dos afetos.”



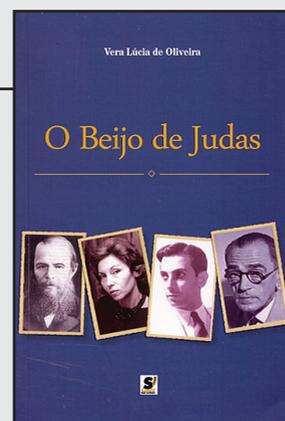
## O BEIJO DE JUDAS

Em *O Beijo de Judas e Outros Ensaios de Literatura & Psicanálise* (Sarau das Letras Editora, RN, 2019), Vera Lúcia de Oliveira coloca o leitor diante de um seleto elenco de autores, oferecendo-nos as entrelinhas que estão para além da superfície dos textos analisados.

Com seu estilo elegante, harmonioso e criativo, na mesma medida da robustez estética, a autora nos entrega um livro “precioso”, como descreve, no prefácio, Danilo Gomes, da Associação Nacional dos Escritores: “Quem entende dessas altas cavalarias e desses abissais mergulhos na alma, na mente e no coração da humanidade é a Dra. Vera Lúcia de Oliveira, que tão bem nos apresenta tesouros da literatura, submetidos a uma leitura psicanalítica, com engenho, arte e extrema sensibilidade.”

Ao longo de 148 páginas, com belo projeto gráfico e ilustrações de Augusto Paiva, os ensaios iluminam desde “o mago das palavras” José J. Veiga, passando pelo sul-coreano Kim Young-ha (autor do festejado *Flor Negra*), Clarice Lispector, Dostoiévski, Silviano Santiago (e seu romance *Machado*), Elisabeth Roudinesco (e a biografia de Freud), além de Graciliano Ramos e Lúcio Cardoso.

A professora Vera Lúcia de Oliveira é formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), onde se especializou em Literatura Brasileira. Especialista em Teoria Psicanalítica pelo UniCEUB, é membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras do Brasil.



## RUBEM BRAGA

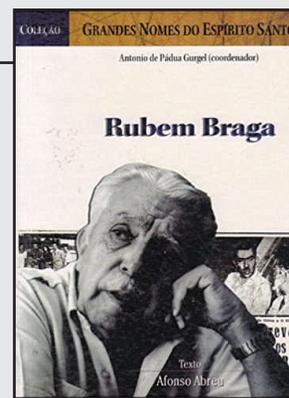
O volume *Rubem Braga*, da coleção “Grandes Nomes do Espírito Santo” (Contexto Editora, 2005), coordenada por Antonio de Pádua Gurgel, homenageia “O poeta da crônica” (assim chamado por José Lins do Rego), por meio de lembranças familiares reunidas pelo sobrinho que mais conviveu com ele, o músico capixaba Afonso Abreu.

O resultado é um diálogo intertextual primoroso, com um texto lírico-confessional que encanta e seduz os leitores do início ao fim.

Apoiado em algumas das milhares de crônicas, Afonso Abreu teceu comentários sobre o dia a dia do tio, que fazia o papel de pai para ele e seus irmãos. O trabalho é enriquecido com textos de João Moraes e de Cláudio e Álvaro Abreu, irmãos de Afonso.

No prefácio, intitulado Rubem Braga, o pai dos cronistas, Francisco Aurélio Ribeiro, da Academia Espírito-santense de Letras, ressalta a importância do maior escritor capixaba de todos os tempos, que viveu de 1913 a 1990: “Chamado por Carlos Drummond de Andrade de ‘Professor de lucidez’, obteve, nacionalmente, uma repercussão jamais obtida por qualquer capixaba, sendo ele mesmo, um homem simples, generoso, provinciano, de Cachoeiro do Itapemirim, a ‘capital secreta do mundo.’”

Ao final, um resumo biográfico e a lista dos livros publicados por Rubem Braga, ambos textos organizados pelo filho dele, Roberto Seljam Braga.



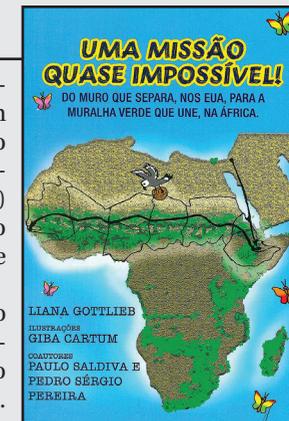
## UMA MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL

O livro *Uma Missão Quase Impossível!* (Do muro que separa, nos EUA, para a muralha verde que une, na África) tem criação, coautoria, roteiro, pesquisa, preparação e revisão da competente Liana Gottlieb. Dedicado ao público infantojuvenil, a caprichada edição da Scortecci (São Paulo, 2021) conta com ilustrações de Giba Cartum e coautoria de Paulo Saldiva (Meio Ambiente) e Pedro Sérgio Pereira (História e Política).

Com um toque de literatura mágico-realista, os animais são humanizados com encantamento. Duas borboletas enfrentam os desafios de uma viagem intercontinental, voando pelos ventos do planeta para solucionar oito conflitos. Mesclando ilustrações com textos explicativos, o texto aborda conflitos reais, promovendo paz e tolerância com resolução fantasiosa muito criativa.

No prefácio, o acadêmico Arnaldo Niskier exalta o carinho com o qual o livro foi preparado, comparando-o à literatura de Monteiro Lobato.

A paulistana Liana Gottlieb é professora titular aposentada da pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

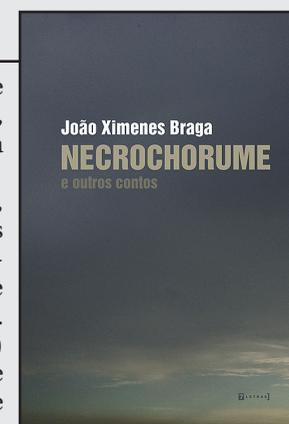


## NECROCHORUME E OUTROS CONTOS

*Necrochorume e Outros Contos* (7 Letras), quinto livro de João Ximenes Braga, marca a volta do escritor à Literatura, após um hiato de 11 anos – período em que se dedicou à criação audiovisual.

Em 30 narrativas distribuídas ao longo de 148 páginas, encontramos personagens vivendo situações ou dilemas conhecidos, refletindo o país atual. A sucessão de retrocessos num país sufocado pela própria decomposição, entregue ao ódio e à intolerância, é muito bem retratada nos textos. Os escritos contrapõem o Brasil de hoje ao das (muitas) referências literárias do autor, que divide seu olhar entre dois países: o idílico e o afogado no próprio necrochorume (líquido que resulta da decomposição dos cadáveres).

João Ximenes Braga é escritor, jornalista e roteirista. Estreou na literatura com *Porra* (Objetiva, 2003), ao qual seguem-se *Juízo* (7 Letras, 2005), *A Mulher que Transou com o Cavalo e Outras Histórias* (Língua Geral, 2009) e *Dominatrix Gorda* (Rocco, 2010). Colaborou com Gilberto Braga (1945-2021) na criação das novelas *Paraíso tropical* (2007), *Insensato coração* (2011), *Babilônia* (2015) e na inédita *Intolerância*. A novela *Lado a lado* (2012), escrita juntamente com Claudia Lage, foi laureada com o Emmy. Nos últimos anos, escreveu os roteiros de três longas em fase de captação de recursos.



# Cedros

Por Raquel Naveira\*

Os cedros são árvores imponentes, imensas, agrupadas como broches verdes. Cones majestosos que se espalhavam pelas montanhas da região mediterrânea. Suas altas folhagens buscavam o sol total, enquanto suas raízes se encharcavam nos regatos. Dos seus troncos sagrados, saíram navios, altares e templos. Testemunharam impérios, religiões e raças. Por tudo isso, a bandeira do Líbano traz ao centro o cedro como símbolo nacional. Nada poderia mesmo se comparar à grandeza desse cedro. Aves do céu se aninhavam em seus ramos, animais eram gerados sob sua copa. Quando o cortaram, a nação cobriu-se de preto e terrível foi o som de sua queda.

Hoje o cedro é comum e encontra-se por todo mundo em parques, jardins e avenidas. Há uma cidade de Mato Grosso do Sul que ficou famosa por causa de um pé de cedro: Coxim, município da parte norte do Estado, dominada antigamente por índios das etnias Carapó e Bororó. Aliás, “cojin”, em língua bororó, significa “peixe”. Coxim é ponto de pesca, com rios, cachoeiras, serras, lindas paisagens.

O compositor, Zacarias Mourão escreveu a letra da emblemática canção “Pé de cedro”, que começa assim: “Foi no belo Mato Grosso, há vinte anos atrás/ Naquele tempo querido que não volta nunca mais/ Nas matas onde eu caçava, um pequeno arbusto achei/ levando pra minha casa no meu quintal eu plantei.” O menino partiu para longe, para amar e sofrer. Quando voltou ao seu lar, reencontrou o pé de cedro crescido, frondoso. Chorou de mágoa e de saudade de um tempo passado, o tempo mágico da infância, agora revivido.

Zacarias (1928-1989) viveu em Petrópolis, Rio de Janeiro, mas não se adaptou por lá. Resolveu morar em São Paulo, onde se tornou Policial Rodoviário. cursou também jornalismo na Faculdade Casper Líbero. Foi radialista, produtor, empresário, diretor da Rádio Bandeirantes. Ganhou diversos prêmios em festivais de música sertaneja. Gravou sucessos com as Irmãs Galvão, Tibagi e Miltinho, Dino Rocha, entre outros. Algumas de suas músicas: “A Estrela que surgiu”, com Mário Albanese, “Alvorada de Coxim”, com Jorge Castello, “Cantar de Seriema”, com Nízio. Os títulos revelam a profunda ligação com sua terra e com o universo.

Retornou a Mato Grosso do Sul, que era seu maior sonho, em 1981, sempre trabalhando em rádio e TV. Oito anos depois, teve a vida interrompida numa madrugada fria. Aos 61 anos, foi encontrado morto dentro de casa, com uma facada na altura do coração. O assassinato permanece misterioso e não esclarecido até os dias de hoje.

Depois dessa tragédia, foi erguido em Coxim um busto de Zacarias Mourão, perto do pé de cedro. Outros cedros foram plantados na praça pública, espaço comunitário e local turístico.

O muralista e streetart, Eduardo Kobra (1975), que tem obras por países como Estados Unidos, França, Rússia e Itália, criou um painel: entre mosaicos multicoloridos, o retrato realista do rosto de Zacarias Mourão e um braço suspenso, tocando eternamente as cordas de um violão.

Não se esquecerá jamais que um poeta, comovido e abatido, regou com lágrimas e sangue as raízes dos cedros aromáticos que crescem naquele portal pantaneiro.

\*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

# Lo-fi e os passarinhos

Por Ana Miranda\*

Ora, para que servem os passarinhos? Para voar, e para cantar! Também para afinar violas. O violeiro maravilhoso, Ivan Vilela, disse que, quando era menino, lá nas fazendas de Minas Gerais, não tinha um diapasão e ele afinava a viola com o canto do saci. Porque o saci canta em mi. Coisa bonita devia sair dessa viola de menino! Saci vive perto das lagoas de Minas e nunca ninguém o vê, só ouve. Ele canta a nota mi mil vezes seguidas, sem desafinar. É o mesmo matinta perera da música do Tom Jobim. Então, passarinho também serve para inspirar melodias. Até hinos, pois ouvi dizer que o Hino Nacional brasileiro saiu das notas do canto de um corrupeirão.

Passarinho serve também para inspirar lendas. O sacizinho mineiro do Ivan menino, na Amazônia, dizem que é a encarnação de uma mulher malvada que vem pedir tabaco para seu cachimbo. Nas noites de sexta-feira, conta um amigo manauara, todo mundo morre de medo do canto estridente do passarinho fantasma e grita: Vem amanhã que eu te dou tabaco! E de manhã aparece uma mulher toda esfarrapada na sua porta pedindo tabaco. Ai ai ai, a imaginação do povo!

Os passarinhos também servem para despertar pessoas. Aqui eles cantam e nos acordam ao nascer do sol. Cantam forte, formam verdadeiras orquestras sinfônicas, com uma partitura escrita pelo maestro Deus. Mas os humanos, pobres de nós, humanos, inventaram um novo tipo de música instrumental chamada lo-fi, que está fazendo grande

sucesso entre pessoas mais distantes da natureza, que, de repente, descobrem que ela está ali e sentem saudades de algo que nunca existiu. São gravações eletrônicas de cantos de passarinhos, para essas pessoas adormecerem, ou se acalmarem, se concentrarem, estudarem... Também se usamos sons de ondas do mar, de vento...

Tanto passarinho cantando de verdade, tanto vento soprando... Chuva, nem sempre, e ondas do mar só para uns poucos felizes que moram ou trabalham na beira da praia, e para gatos, ratos e cães de rua que nem prestam atenção ao murmurar das vagas. E as pessoas gostam da gravação desses sons. São boas as gravações, se você ouvir baixinho. O princípio da coisa é a baixa fidelidade. Até a fidelidade está em baixa, arre! Ou seja, os restos de barulhos que precisam ser tirados da alta fidelidade. Isso é uma coisa muito complicada. Está cada vez mais difícil para mim entender o mundo. E salvar o mundo, como eu disse outro dia.

Sei que temos apenas doze anos para salvar o planeta, afirmam os cientistas. E acho que ouvir os passarinhos, a chuva, o vento, as ondas, faz parte dessa salvação. Sei também que o canto dos passarinhos foi criado por Deus quando criança: brincando de felicidade, dotou os passarinhos de seus pios e cantos. Sei de nada, estou em devaneios, sem saber o que digo. Mas sei para que serve uma crônica. Para fazer amizade, para sonhar... Esta aqui serve, também, para contar a história do menino que afinava a sua viola com o canto do saci que canta em mi mil vezes sem parar. Isso é que é uma amizade com a natureza, com o planeta, isso é que é delicadeza. Vamos todos afinar nossas violas em mi, pelo pio do saci.

\*A escritora Ana Miranda é Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará, UFC.

# Um ourives da linguagem

Por Ronaldo Cagiano\*

Em seu percurso literário e existencial, Cunha de Leiradella contabiliza uma bibliografia premiada e bem recebida pela crítica, antes e depois de sua chegada ao Brasil (em 21 de abril de 1958, para escapar à ditadura salazarista), onde viveu mais de quatro décadas, antes de retornar às suas raízes portuguesas, vivendo atualmente em São Paio de Brunhais, no Concelho de Póvoa do Lanhoso, no distrito de Braga.

Aos 87 anos e em plena atividade criativa e intelectual, o autor (que durante sua vida, primeiro no Rio, e a maior parte em Belo Horizonte, onde foi presidente do Sindicato dos Escritores de Minas Gerais e agitou a cena literária da Capital), acaba de lançar seu novo livro, *Isto Não é um Romance* (Ed. Nova Fronteira, Rio, 2021, 120 p.).

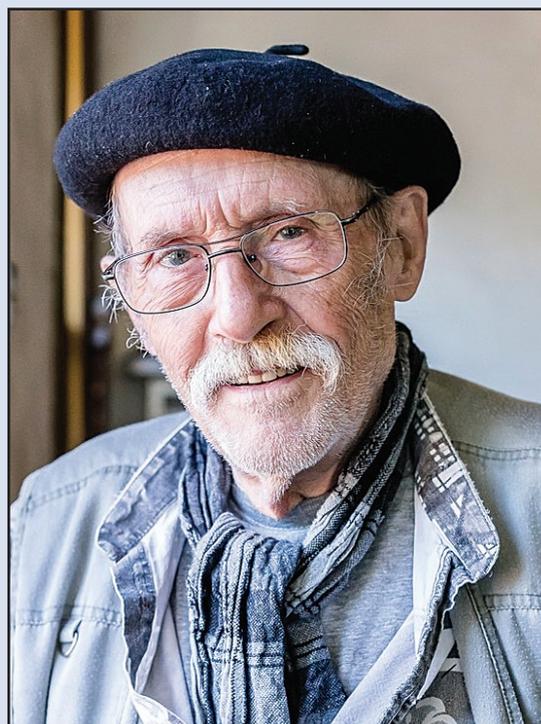
Obra que dá continuidade às deambulações de Eduardo da Cunha Júnior, personagem que habita suas histórias na pele de protagonistas tão diversos e constitui uma fauna espalhada por mais de vinte títulos como *Sargaços* (1984), *Cinco Dias de Sagração* (1993), *O Circo das Qualidades Humanas* (1998), *O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior* (1997), *Os Espelhos de Lacan* (2004), dentre outros, transitando pelo conto, novela, infantojuvenil, dramaturgia, jornalismo.

Funcionando como espelho autoral, Eduardo da Cunha Júnior empreende nesse novo romance uma espécie de encontro de contos com a própria vida. Septuagenário, vive sua recolhida aposentadoria e estratégica insularidade na companhia de dois seres que poderiam parecer-lhe estranhos intrusos, mas revelam-se interlocutores silenciosos em sua misantropia e reclusão: o gato Tovarich e a passarinha Minha, que lhe dão suporte psicológico ao lado de seus livros, enquanto des(a)fia o novelo da memória. Na convergência entre o passado e o presente, as lembranças de um amor platônico, que agora emerge sob o influxo de um tempo premido pela monotonia, apenas quebrada por esse diálogo ficcional em que uma realidade sensorial e emotiva aflora, dando asas a uma intimidade mental e psicológica repleta de expansões oníricas.

No rio caudaloso das recordações, o personagem deslinda suas leituras, revisita seus autores prediletos (vamos encontrar a intertextualidade, ao invocar autores como Albert Camus, David Mourão-Ferreira, Celineetc), retoma os passos de certos personagens que, ao fim e ao cabo, são projeções de sua própria geografia, na apreensão dos sentidos de uma vida, como um estrangeiro a viver o mais fundo de sua noite, o seu outono indesviável.

O livro vai exumando o tempo de Eduardo da Cunha Júnior, em que Beatriz renasce simbolicamente como metáfora da inconcretude, o que alimentou sua juventude seja em termos afetivos ou na funcionalidade do cotidiano, período em que viveu conflituosa relação com os pais, enquanto passava os dias encenando fados com um amigo na expectativa de um amor não correspondido, porque não declarado àquela musa de seus tempos de liceu.

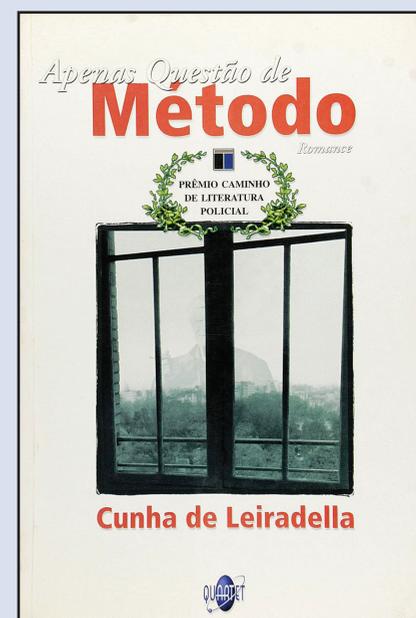
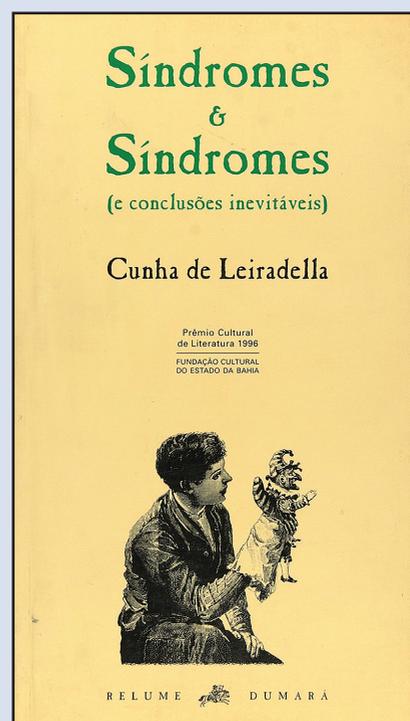
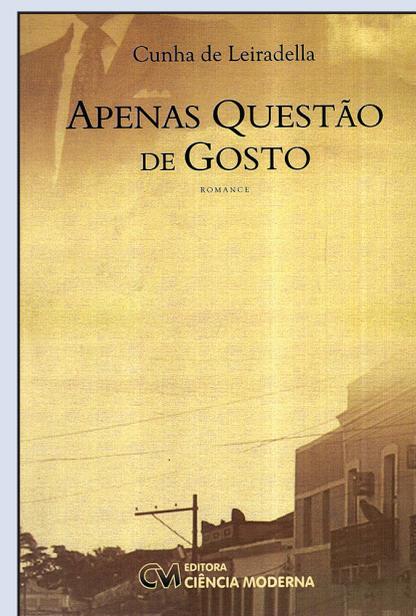
Leiradella consolida com *Isto Não é um Romance* (e aqui encontramos uma alegoria magritteana ao universo das aparências que a arte sempre evoca ao nos contrastarmos conosco e com o mundo tangível) sua rica bibliografia, prestigiada por algumas das mais importantes lãureas do Brasil e do exterior, destacando-se: Prêmio Antônio Chinaglia (Rio, 1981), Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte (1984 e 1986), Prêmio Plural (México, 1987 e 1990), Prêmio Instituto Nacional do Livro – INL (1988), Concurso Nacional de Contos do Paraná (1990), Prêmio Cruz e Sousa (Florianópolis, 1995), Prêmio Literário Terras de Lanhoso (1997), Prêmio Caminho de Literatura Policial de Portugal (1999).



Cunha de Leiradella

Verdadeiramente um sensível ourives da linguagem, como enfatiza o professor, escritor crítico e ensaísta Adeldo Gonçalves, que na apresentação ressalta as qualidades intrínsecas e as sutilezas estilísticas do autor: “a partir do fluir de recordações do narrador, a dissimulação como traço distintivo do seu caráter, o que nos leva a concluir que seria uma espécie de Capitu portuguesa em formação. Em resumo: neste conto-romance, Leiradella, tendo vivido pelo menos metade de sua vida no Brasil, soube como unir o que de melhor cada variação do idioma português nos dois continentes poderia lhe oferecer, produzindo um texto sensível que se destaca pelo vigor da linguagem e por frases poéticas compostas pela habilidade de um verdadeiro artesão da palavra.”

\*Ronaldo Cagiano é escritor brasileiro, vive em Portugal.



# Martinho da Vila no mundo das crianças

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Presença obrigatória em qualquer lista com os maiores nomes do samba brasileiro, Martinho da Vila, desta vez, foi encarregado de selecionar – e narrar para crianças – a história dos maiores gênios do gênero, no país. Uma série de biografias de sambistas geniais está sendo organizada por ele.

*Martinho Conta... Cartola e Martinho Conta... Noel* são os dois primeiros títulos. Apesar de a coleção ser voltada para o público infantojuvenil, a narrativa – coloquial e agradável, características do autor – certamente vai despertar interesse em todas as idades. Com ilustrações de Werner Schulz, os livros vão preencher uma lacuna no mercado literário do Brasil, em que ainda são poucos os registros sobre figuras de relevância musical para o país.

O terceiro livro da coleção, já em fase de finalização, apresenta o compadre Paulinho da Viola, de 78 anos. A narrativa veio da convivência, “devagar devagarinho”, ao longo de muitos anos, no cenário do samba. Em poucas páginas, com jeito descontraído, mas bastante informativo, os textos satisfazem quem procura conhecer a vida dos sambistas.

O longo período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 fez o lado escritor de Martinho da Vila ampliar o espaço junto ao público infantojuvenil. Autor de dois livrinhos infantis (*A Rainha da Bateria e A Rosa Vermelha e o Cravo Branco*), publicados pela editora Lazuli, não hesitou em aceitar o convite do editor Miguel de Almeida, de quem partiu a ideia de produzir essa série de biografias: “Ele deu a sugestão, e eu embarquei. Pensei logo no Cartola, que é um compositor de quem eu gosto muito e que a menina não conhece. A mesma coisa com o Noel Rosa. Preferi começar com eles.”

## BIOGRAFIA

Nascido em Duas Barras, Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1938, Martinho José Ferreira é filho de lavradores da Fazenda do Cedro Grande. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos quatro anos e foi criado na Serra dos Pretos Forros. Sua primeira profissão foi Auxiliar de Químico Industrial, função aprendida no curso intensivo do SENAI. Servindo o exército como Sargento Burocrata, cursou a Escola de Instrução Especializada, tornando-se escrevente e contador, profissões que abandonou em 1970 para se dedicar à carreira de cantor.

Casado com Cleliomar Corrêa Liscano Ferreira (Cleo) desde 1993, é pai de oito filhos e avô de dez netos. Como cantor e compositor, criou músicas de vários ritmos, tais como ciranda, frevo, coco, samba de roda, capoeira, bossa nova, calango, samba-enredo, toada e sambas africanos.



Sua primeira grande apresentação foi no III Festival da Record, em 1967, com a música *Menina Moça*. O sucesso veio no ano seguinte, na quarta edição do festival, com a canção *Casa de Bamba*.

O primeiro disco foi lançado em 1969, intitulado *Martinho da Vila*. Fez parte da extinta escola de samba “Aprendizes da Boca do Mato” até 1965, quando passou a se dedicar à Unidos de Vila Isabel, cuja história se confunde com a do próprio compositor, autor de vários sambas-enredo. Em 1988, criou o memorável *Kizomba – A Festa da Raça*, garantindo para a Vila o título de campeã do carnaval carioca.

Martinho torce para o Vasco da Gama, e compôs duas músicas em homenagem ao clube do coração. Em 2009, foi lançado o documentário *O Pequeno Burguês – Filosofia de Vida*, que conta um pouco da vida artística e particular do artista. No fim de 2012, fez participação na série de TV *Meu Anjo*, produzida pela produtora Telemilênio, como ele mesmo.

Em 2017, aos 79 anos, ingressou na faculdade de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro, segundo ele, para “entender um pouco mais das relações internacionais em termos históricos, na teoria”, já atuando havia algum tempo nessa área, como Embaixador Cultural de Angola e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Frequentou as aulas regularmente e de forma presencial, cumprindo todas as exigências do curso, mas não o concluiu. Cursou até o terceiro ano (o último ano seria para preparar o aluno para o mercado de trabalho, o que não era seu interesse).

Martinho foi o primeiro sambista a ultrapassar a marca de um milhão de cópias com o CD “*Tá delícia, Tá gostoso*”, lançado em 1995. Já era um compositor bastante conhecido quando voltou a Duas Barras,

a convite da prefeitura, para uma festa em sua homenagem. Foi, então, que descobriu que a fazenda onde nascera estava à venda e a adquiriu.

Seu acervo de obras musicais e literárias encontra-se em Duas Barras, bem como os prêmios recebidos, dentre os quais os títulos de Cidadão Carioca, Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, Comendador da República (Grau de Oficial), e a Ordem do Mérito Cultural (pela contribuição à cultura brasileira). Martinho da Vila recebeu ainda as Medalhas Tiradentes e Pedro Ernesto e, em 1991, o Prêmio Shell de Música Popular Brasileira.

Com reconhecido ecletismo musical, valorizado internacionalmente, Martinho lançou, em 1989, o disco *O canto das lavadeiras*, baseado em nosso folclore, e, no ano 2000, *Lusofonia*, reunindo canções lusófonas mundiais. Apresentou, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em setembro de 2000, seu projeto *Concerto Negro*, idealizado em parceria com o maestro Leonardo Bruno, enfocando a presença da cultura negra na música erudita.

Em 1999, fundou a Editora ZFM e publicou o primeiro romance: *Joana e Joanes*. Escreveu, ainda, seis outros livros: *Vamos Brincar de Política* (1986), voltado para o público juvenil; *Kizombas, Andanças e Festeiras* (1992), de teor autobiográfico; *Ópera Negra* (1998), que idealiza a apresentação, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de uma ópera que busca traçar a história do negro no Brasil; *Memórias Póstumas de Teresa de Jesus* (2003), que conta a vida de sua mãe; *Os Lusófonos* (2006), no qual destaca o cruzamento das culturas de língua portuguesa; *Vermelho 17*, romance centrado nos conflitos, emoções e experiências de um jovem de dezessete anos; *A Serra do Rola-Moça*, novela cujo tema central é a família Gullar Drummond, de Belo Horizonte.

Este ano, além de dar início à coleção de biografias narrando a história de gênios do samba, Martinho finalizou um livro de contos. Segue não deixando o samba, nem a literatura, morrer.

Foto: Antonio Cruz/Agência Brasil

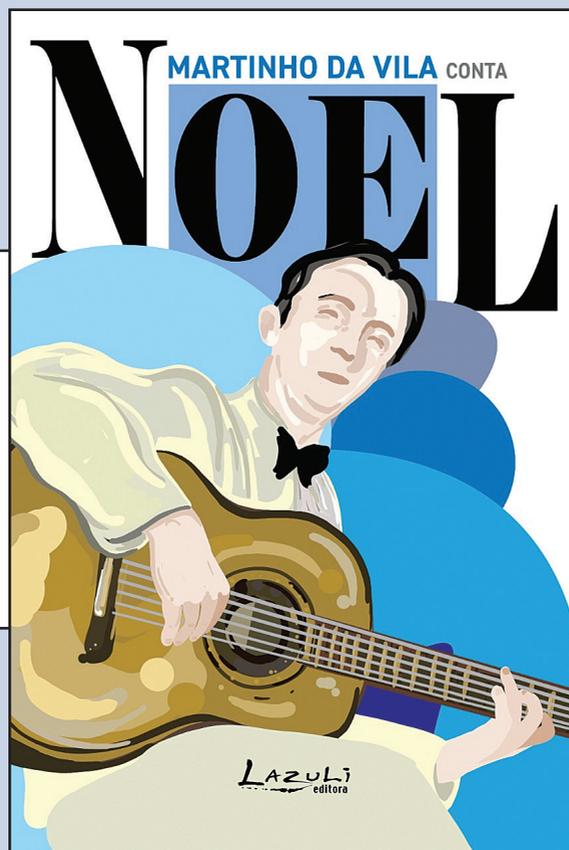
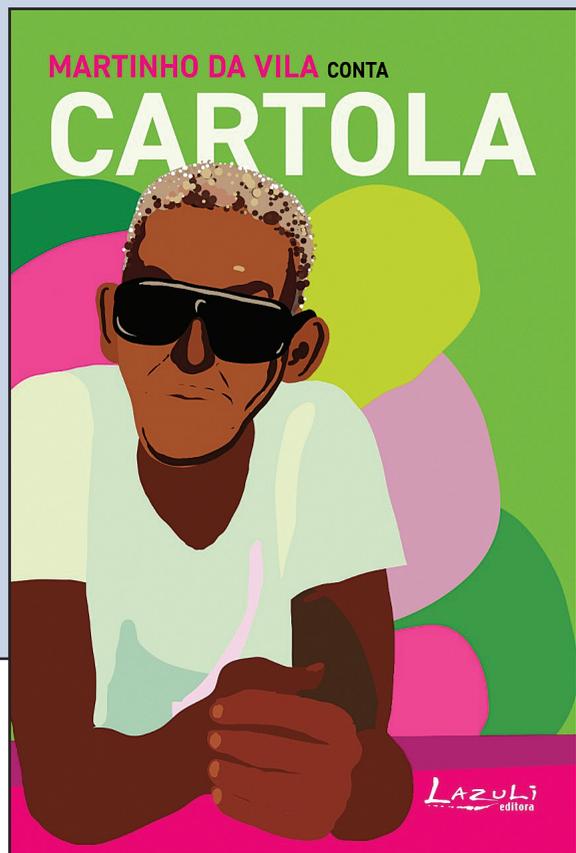


No Dia da Consciência Negra, Senado homenageia defensores da igualdade racial com a entrega da Comenda Senador Abdias Nascimento. Na foto, o músico Martinho da Vila e o senador Paulo Paim.

Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil



Martinho da Vila, homenageado por seus 80 anos, desfilou no abre alas da Vila Isabel.



O isolamento provocado pela pandemia fez o lado escritor de Martinho ganhar espaço.

*Martinho conta... Cartola*, um dos primeiros títulos da coleção de gênios do samba, que chega em livro físico e em e-book para o público.

*Martinho conta... Noel*, da Editora Lazuli, com 32 páginas.

# A literatura renova o pensamento e move o mundo

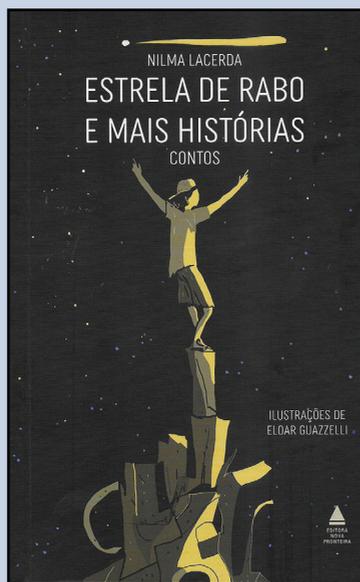
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Nilma Lacerda coordenou um grupo de autores e educadores, entre os quais me incluo, com a audaciosa proposta de discorrermos sobre temas polêmicos que devem ser abordados na sala de aula. Preconceitos, mitos, morte, abusos, abandono, sexualidade, violência, assuntos presentes no dia a dia das notícias e quase sempre silenciados pelas vítimas. Assim surgiu a obra *Temas Polêmicos na Literatura – A necessária presença na escola* (Olho de vidro).

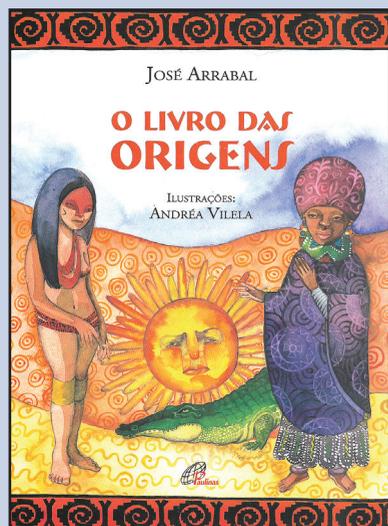
Apesar de ainda não editada, a obra foi apresentada em Campinas, São Paulo, no Congresso de leitura – COLE (Nilma Lacerda, Fabíola Farias e Anna Rennhack) e no Salão do Livro da FNLIJ, no Rio de Janeiro (Nilma Lacerda, Ricardo Benevides, Luiz Antonio Aguiar e Anna Rennhack). Os professores presentes aos eventos demonstraram grande interesse pelos temas, já que encontram muitas dificuldades para lidar com os mesmos e oferecer a seus alunos a oportunidade de se expressarem.

Nilma sempre me pareceu falar de forma terna, suave, característica da confiança nos conteúdos que desenvolveu em sua trajetória de estudos e pesquisas. Porém, seus textos gritam! Clamam por justiça e é na força das histórias que seus personagens ganham vida e nós os reconhecemos. Os temas polêmicos estão presentes em todas as suas obras.

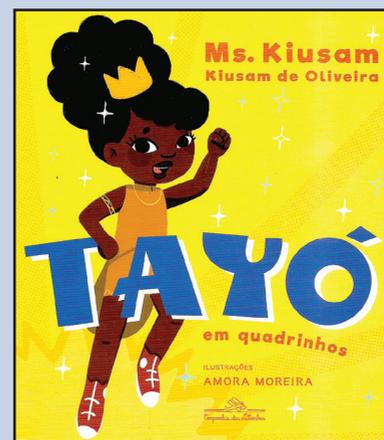
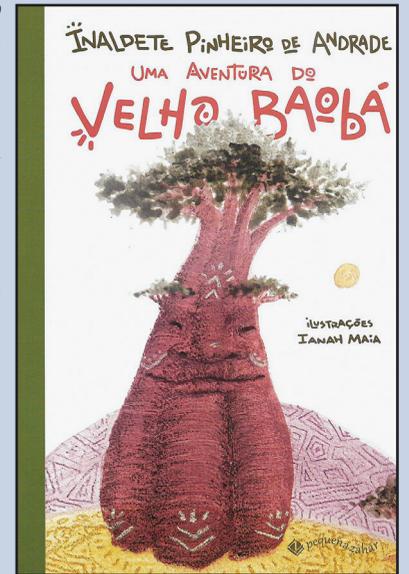
*Em Estrela de Rabo e Mais Histórias* (Nova Fronteira, ilustrações de Eloar Guazzelli), a autora reúne contos que passam por lembranças dos clássicos da literatura e inspiram histórias diversas: a fuga de um pai manipulador; a favela com violência e misticismo; a crueldade da escravidão no garimpo; até chegar ao olhar que busca o céu, em um lixão. Temas fortes, reais e que vão estimular alunos e professores a um debate sobre a realidade.



Recebi do José Arrabal, autor de vários livros sobre mitos e lendas de origens diversas, *O Livro das Origens* (Paulinas, ilustrações de Andréa Vilela). Apesar de não ser edição recente, vale a pena conhecer as sete histórias adaptadas pelo autor, que nos transportam para a origem do mundo em lendas de povos originários da África (África do Sul, Uganda e Togo), do Brasil (Amazonas e Pará) e do México e que contam como começou: a chuva; o fogo; o homem; a noite; o sol; a lua e a morte. Destaque para as ilustrações de Andréa Vilela.

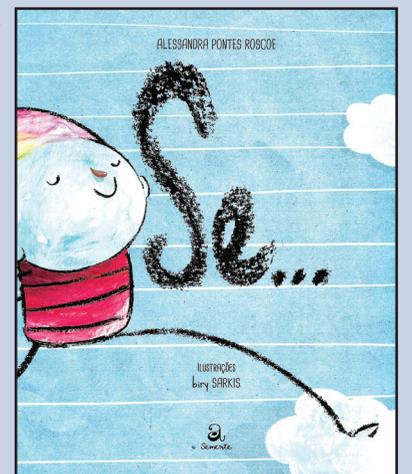


*Uma Aventura do Velho Baobá*, de Inalpete Pinheiro de Andrade (Pequena Zahar, ilustrações de Ianah Maia), traz a força da ancestralidade africana no encontro com novas terras, novas tentativas de viver. Ele vem da África, atravessa o oceano em busca de seus irmãos. Se lá é considerado e respeitado, por aqui não é o que acontece e ele vê que não há respeito, só lixo, correntes e muros que cercam e cerceiam o desenvolvimento dessas árvores-deuses. Mas seu retorno à África é de esperança. Há sementes, flores e novos baobás certamente nascerão e eles serão testemunhas do que o homem fará com o seu próprio destino.



*Tayó* – em quadrinhos – de Ms. Kiusam (Kiusam de Oliveira, Companhia das Letrinhas, ilustrações de Amora Moreira) – Tayó (“da alegria”, em iorubá) e seu amigo Kaiodê (“caçador de alegria”, em iorubá) apresentam, de forma leve, objetiva e simples, reflexões sobre conceitos como racismo, machismo, ancestralidade. Cada página é um convite a um novo posicionamento de valor e de conhecimento sobre si próprio e sobre a importância da cultura afro-brasileira.

*Se* (Semente – ilustrações de Biry Sarkis) – Ah, se eu pudesse mudar as coisas através de um dom especial, sempre de forma divertida, transformar a maldade, a chatice, o frio e o calor, mudar o mundo. Assim pensou Alessandra Pontes Roscoe e uma doce poesia vai propondo as trocas: Se... eu fosse inventor / Ah, quanta coisa eu inventaria. / A imaginação me levaria, sem eira nem beira, / para ser feliz de toda maneira. / Vamos brincar de inventar para toda tristeza uma alegria? Delícia de livro!



*Rã e Sapo são Amigos* – Texto e ilustrações de Arnold Lobel (Companhia das Letrinhas – tradução de Guilherme Semionato) – O título reflete todas as histórias do livro. São amigos e pronto! Gostam de estar juntos, ajudam um ao outro, são companheiros. A vida cotidiana de Rã e Sapo acontece de forma agradável, com passeios e diversão e com situações divertidas que refletem o carinho que sentem. Livro em capa dura, em edição cuidadosa, com uma parte ao final que narra toda a trajetória da criação dos personagens, quando foi originalmente lançado em 1970.

# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

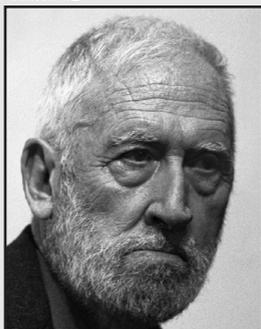
acervo JL



## ANTÓNIO JOSÉ FORTE

(Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria, 6 de Fevereiro de 1931 – Lisboa, 15 de Dezembro de 1988) Poeta ligado ao movimento surrealista, integrou o chamado Grupo do Café Gelo. Trabalhou também como funcionário da Fundação Calouste Gulbenkian, onde durante mais de 20 anos desempenhou as funções de Encarregado das Bibliotecas Itinerantes. Foi casado com Amélia Bento, farmacêutica, e, depois, com a pintora Aldina. Deixou uma obra breve, mas que claramente o afirma como um consumado poeta. Com colaboração na revista *Pirâmide* e em vários jornais (*A Rabeca*, *Notícias de Chaves*, *O Templário*, *Diário de Lisboa*, *A Batalha*, *Jornal de Letras*, *Artes e Ideias*), publicou o seu primeiro livro, *40 Noites de Insônia de Fogo de Dentes numa Girândola Implacável e Outros Poemas*, em 1958. Representado em inúmeras antologias poéticas, é também autor do livro de poesia infantojuvenil *Uma Rosa na Tromba de um Elefante* dedicado à sua filha Gisela. Sua poesia carrega uma certa perversão do discurso poético e a utopia ideológica, anarquizante e ainda claramente surrealista; é, com uma intenção nitidamente bretoniana. A sua poesia está reunida em *Uma Faca nos Dentes*. Algumas obras: *40 Noites de Insônia de Fogo de Dentes numa Girândola Implacável e Outros Poemas* (1958); *Uma Rosa na Tromba de um Elefante* (1971); *Teses sobre a Visita do Papa* (1982); *Uma Faca nos Dentes* (1983), com prefácio de Herberto Helder; *Caligrafia Ardente* (1987); *Poemas de Amor* (2006); *Uma Faca nos Dentes* (2017), com prefácio de (Herberto Helder); *Un Couteau entre les dents* (*Ab irato*, 2007).

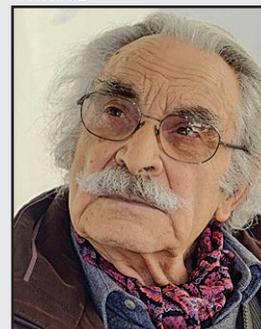
acervo JL



## GEORGE AGOSTINHO BAPTISTA DA SILVA

(Porto, 13 de fevereiro de 1906 – Lisboa, 3 de abril de 1994) Filósofo, poeta, ensaísta, professor, filólogo, pedagogo e tradutor português. Em 1931, foi para Paris, onde estudou na Sorbonne e no Collège de France. Criou o *Núcleo Pedagógico Antero de Quental* em 1939, e, em 1940, publicou *Iniciação: cadernos de informação cultural*. Em 1947, instalou-se definitivamente no Brasil, onde viveu até 1969. Em 1948, começou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, estudando entomologia, e ensinando na Faculdade Fluminense de Filosofia. De 1952 a 1954, ensinou na Universidade Federal da Paraíba e também em Pernambuco. Em 1954, organizou a *Exposição do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo*. Um dos fundadores da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, criou o *Centro de Estudos Afro-Orientais* e ensinou Filosofia do Teatro na Universidade Federal da Bahia. Participou da criação da Universidade de Brasília e do seu Centro Brasileiro de Estudos Portugueses no ano de 1962 e idealizou o Museu do Atlântico Sul em Salvador. Regressou a Portugal em 1969, após a doença e morte de Salazar. Em 1987, foi agraciado com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Faleceu no Hospital de São Francisco Xavier, em Lisboa, no ano de 1994. Em 2004, a Alfândega Filmes lançou um documentário sobre a vida do filósofo. Agostinho da Silva é referenciado como um dos principais intelectuais portugueses do século XX. Da sua extensa bibliografia, destacam-se o livro *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, publicado em 1945.

acervo JL



## FERNANDO ECHEVARRÍA FERREIRA

(Cabezón de la Sal, 26 de fevereiro de 1929 – Porto, 4 de outubro de 2021) Em 1940, entrou no Colégio Cristo Rei, dos padres Redentoristas, onde permaneceu até 1946, seguindo para Espanha, onde concluiu os estudos de Filosofia e Teologia. Publicou seu livro de estreia, *Entre Dois Anjos* em 1956. Em 1961, emigrou para Paris, França. Aderiu ao Movimento de Acção Revolucionária (MAR) e ficou próximo do grupo de Argel. Aderiu à Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN), o que o levou a instalar-se na Argélia em 1963. É um dos fundadores da LUAR (Liga de Unidade e Acção Revolucionária), criada em Paris. Colaborou em várias revistas, como *Graal*, *Eros*, *Colóquio/Letras* e *Limiar*. Com uma extensa obra poética, depois de *Entre Dois Anjos*, vieram os livros *Tréguas para o Amor* (1958), *Sobre as Horas* (1963), *Ritmo Real* (1971), *A Base e o Timbre* (1974), *Media Vita* (1979), *Introdução à Filosofia* (1981) e *Fenomenologia* (1984). É um premiado escritor português, tendo-lhe sido outorgados o Prémio de Poesia do Pen Club de 1982 por *Introdução à Filosofia*; o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores em 1991 por *Sobre os Mortos*; em 1998 o Prémio Luís Miguel Nava por *Geórgicas*; também por *Geórgicas*, a primeira edição do Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa em 1999, atribuído pela Câmara Municipal de Faro; ainda por *Geórgicas*, repetiu o Prémio de Poesia do Pen Club de 1999; o Prémio Teixeira de Pascoaes, em 2002. Internado durante alguns dias, acabou por morrer, aos 92 anos, no dia 4 de outubro de 2021, na cidade do Porto, onde residia.

# O escritor aqui ao lado

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Não que de perto ninguém seja normal, como há quem diga. Melhor não polemizar. Mas o fato é que o leitor-simpatizante pode muito bem ter seu interesse despertado por dados pessoais do autor a quem admira. A propósito disso, quem nunca se pegou (ainda mais em tempos de motores de busca na internet) fuçando dados sobre um ou outro escritor de sua predileção, ou cuja obra lhe tenha tocado de maneira especial?

Nesse sentido, me vem à mente a obra memorialística de Zélia Gattai, de muito interesse por desfiar informações sobre dois grandes escritores brasileiros, ela própria e o marido, Jorge Amado. Se não se tratar de exemplo único entre nós, sem dúvida é o mais significativo, pela extensão de que se ocupa do tema. *A Casa do Rio Vermelho*, *Códigos de Família*, toda a obra da escritora lê-se com interesse, e não só pela qualidade da narrativa: ali o leitor se depara com a face humana, a vida comum de dois grandes escritores. *Gente como a gente*, constata-se, o que é bem ao gosto do público.

Por outro lado, até por seu maior recuo no tempo, há autores cuja aura quase mítica impõe um distanciamento respeitoso, a exigir doses significativas de reverência e solenidade ao nos referirmos a suas pessoas: um Tolstói, um Dostoiévski, um Victor Hugo, uma Jane Austen, um Balzac, um Flaubert, um Charles Dickens. Sob certos aspectos, legendas da atividade literária, autores cuja reputação “profissional” é quase que inabalável.

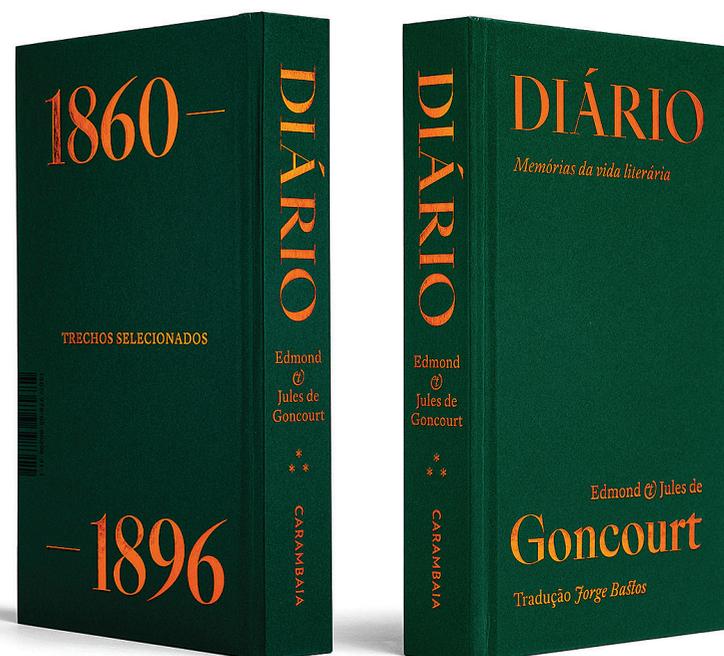
Mas até mesmo com relação a estes últimos é legítimo nos indagarmos: como seriam de perto essas personagens? Como seria lidar diretamente com eles, conviver com eles no dia a dia, frequentando-lhes a mesa, privando de sua companhia? Felizmente, chegaram até nós uma série de bem cuidadas anotações, pródigas em informações desse tipo e que se prestam bem a satisfazer a curiosidade de leitores e demais interessados. Refiro-me aos famosos *Diários* dos irmãos Goncourt, Edmond e Jules – aliás, eles mesmos personagens da cena literária parisiense do século XIX, com seu nome ligado à academia que atribui o mais prestigioso prêmio literário da França.

Quanto aos *Diários*, há quem diga não passarem de fofoca. Lendo-os, entretanto, com uma mirada mais ampla, percebe-se que o que temos em mãos é uma visão pano-

râmica da vida intelectual contemporânea, pinçada exatamente do ponto de sua maior irradiação. Mas abstraídas essas cogitações de caráter mais grave, o certo é que certas impressões dos autores sobre personagens de seu convívio são, o mais das vezes, deliciosas. Quem mais poderia afirmar impunemente que “o que mais chama a atenção em Hugo, que tem a ambição de se dizer pensador, é a falta de pensamento” (p. 30)? Ou que Flaubert “tem um fundo provinciano e gosta de contar vantagem” (p. 32)? Ou que “estou inclinado a crer que a loucura não ataca as personalidades fortes, os grandes talentos. Pode às vezes ter efeito sobre um Baudelaire, um burguês que se atormentou a vida inteira querendo parecer louco. Aplicou-se tanto que morreu idiota” (p. 187)? É como se topássemos o escritor aqui ao lado, ao alcance de um chiste ou de uma confidência qualquer.

Esse repertório vê-se novamente acessível ao leitor nacional, em trechos selecionados dos *Diários: memórias da vida literária*, editados pela Carambaia. A seleção do material e sua tradução é de Jorge Bastos. A bela edição, limitada e numerada, é de 2021.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.





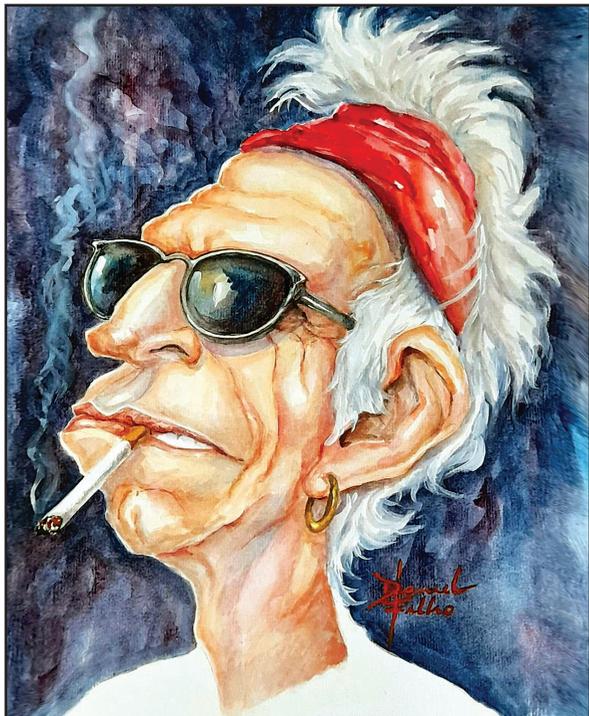
Por Zé Roberto

# arte Desenharte

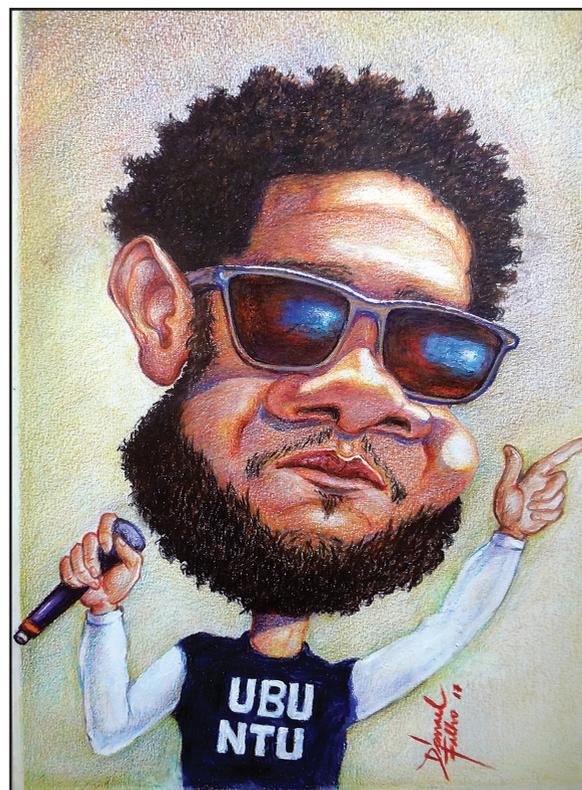
zrgauna@hotmail.com

## O CARICATURISTA E PINTOR DANIEL FILHO

Nascido na cidade de Santos, litoral de São Paulo, no dia 27 de novembro de 1959, Daniel Soares do Nascimento Filho iniciou sua trajetória nas artes em 1983, quando atuou como desenhista estagiário na extinta agência Hugo Paiva Publicidade. Na época, Daniel era funcionário do Banerj, onde trabalhou entre os anos de 1979 a 1989. E foi justamente na sede desta empresa financeira que, em 1985, o artista foi agraciado com o 1º Lugar num concurso de ilustrações, com a realização de uma exposição, cujo tema era Campanha Nacional de Combate ao Fumo, promovido pela área cultural do Banerj. Após esta primeira exposição, o desenhista marcou presença em dezenas de eventos semelhan-



Keith Richards.

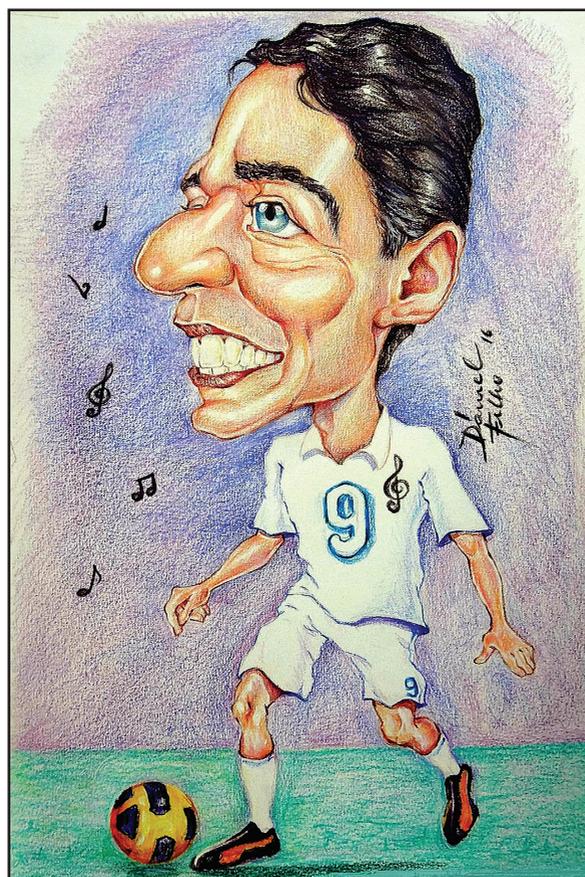


Emicida.

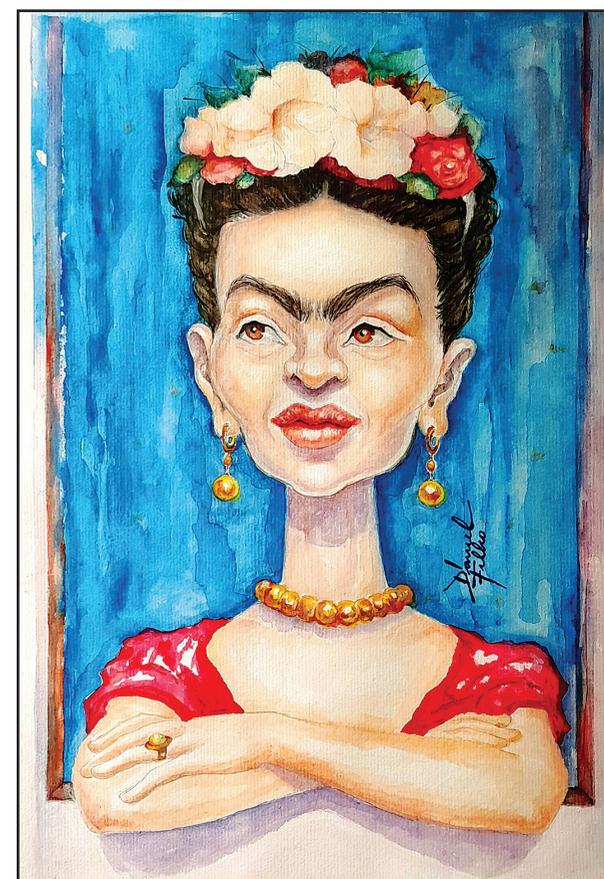


Nina Simone.

Chico Buarque.



Frida Kahlo.



tes, sendo algumas mostras coletivas de artes em diversas localidades, com destaque para sua participação e classificação no concurso *Quem te viu, quem te vê*, em homenagem ao cantor, compositor e escritor Chico Buarque, organizado pelo Instituto Memória Musical Brasileira – IMMUB, que gerou um catálogo, em 2019.

Inicialmente, Daniel desenvolveu seu trabalho como pintor, mas a facilidade em criar retratos logo despertou seu lado caricaturista e, a partir de 2008, com a técnica adquirida nas pinturas, começou a desenhar e pintar caricaturas de artistas, atletas e políticos, sempre com muito humor.

Formado no curso de Design Gráfico, em 2020, pela Universidade Cruzeiro do Sul, Daniel Filho exerce, desde 2012, o cargo de Oficial de Administração, na Secretaria de Educação de Santos. O desenhista divulga suas artes nas redes sociais, especialmente no Instagram, no perfil @daniel\_filho\_art, e no Pinterest, no link: [pinterest.com/daniel\\_filho\\_art/\\_saved/](https://pinterest.com/daniel_filho_art/_saved/). O artista aceita encomendas para retratos e caricaturas, assim como para participar de eventos presenciais. Os contatos podem ser feitos pelo WhatsApp, no celular: (13) 988233287.

Saúde e Arte!

# Homenagem a Lya Luft

Por Maria Cabral



A morte de Lya Luft causou comoção no meio literário, na imprensa e nas redes sociais, com a manifestação de diversas pessoas e autoridades. Em nota, a Academia Rio-Grandense de Letras lamentou o ocorrido e lembrou que a escritora havia recebido, há poucas semanas, o título de Escritora do Ano 2021, pelo conjunto da obra.

Uma das mais importantes escritoras contemporâneas, a gaúcha Lya Luft morreu na madrugada do dia 30 de dezembro, em sua casa em Porto Alegre, aos 83 anos de idade. Ela lutava contra um melanoma (câncer de pele) há sete meses.

Autora de 31 livros e vencedora de vários prêmios, Lya nasceu no dia 15 de setembro de 1938, em Santa Cruz do Sul (RS). Filha de descendentes alemães, desde cedo, aprendeu o idioma dos ascendentes e desenvolveu o hábito da leitura, decorando poemas de Goethe e Schiller, entre outros. Terminou os estudos na capital Porto Alegre, onde se formou em Pedagogia (1960) e Letras Anglo-Germânicas (1962), ambas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS).

Quando terminou os estudos, começou a trabalhar para editoras, traduzindo obras de autores de língua inglesa e alemã, como: Doris Lessing, Günter Grass, Hermann Hesse, Reiner Maria Rilke, Virginia Wolf e Thomas Mann. Costumava afirmar que sua principal aspiração como tradutora era aproximar o escritor estrangeiro do leitor brasileiro, o que exigia equilíbrio entre a fidelidade ao original e a criatividade.

Dedicou-se, também, à atividade jornalística, como colunista regular de veículos como o *Correio do Povo* e a *Revista Veja*. Entre 1970 e 1982, trabalhou como professora de Linguística, na Faculdade Porto-Alegrense. Em 1975, obteve o título de mestre em Linguística pela PUC-RS, e, em 1978, em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

Em 1959, aos 21 anos, conheceu o linguista Celso Pedro Luft, com quem se casou quatro anos depois. Da união, nasceram três filhos: Susana (1965), André (1966) e Eduardo (1969). Em 1985, aos 47 anos, separou-se do marido, indo viver com o psicanalista e escritor Hélio Pellegrino, que morreria três anos depois. Em 1992, retomou o relacionamento com Celso Pedro, enviuvando em 1995. Em 2017, sofreu um baque com a perda de seu filho André, vítima de uma parada cardiorrespiratória, aos 51 anos. Atualmente, estava casada com o engenheiro Vicente de Britto Pereira.

## PRODUÇÃO LITERÁRIA

Os primeiros poemas de Lya Luft foram escritos no início dos anos 1960, sendo reunidos, posteriormente, no livro *Canções do Limiar* (1964). O segundo livro (também de poemas), *Fruta Doce*, foi lançado oito anos depois, em 1972.

Em 1978, lançou a primeira coletânea de contos: *Matéria do Cotidiano*. Dois anos depois, publicou o primeiro romance, *As Parceiras*, seguido por *A Asa Esquerda do Anjo* (1981). O terceiro romance, *Reunião de FamíLya* (1982), foi lançado três anos depois, nos EUA, sob o título de *The Island of the Dead*.

Em 1996, a coletânea de ensaios *O Rio do Meio* foi considerada a melhor obra de ficção do ano, recebendo o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2001, recebeu o Prêmio União Latina de Melhor Tradução Técnica e Científica, pelo trabalho realizado na obra *Lete: Arte e Crítica do Esquecimento*, de Harald Weinrich.

Em 2013, recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, com a obra *O Tigre na Sombra*, publicada no ano anterior e eleita a melhor obra de ficção do período.

Lya Luft será sempre reconhecida e lembrada pelo público e crítica por sua luta contra os estereótipos sociais. “Apesar das minhas fragilidades, avanço. A vida é um processo. É como subir uma montanha, mesmo que, no fim, não se esteja tão forte fisicamente, a paisagem visualizada é melhor”, afirmava com sabedoria.



"Um livro primoroso... o resultado magnífico de décadas de trabalho em longevidade — leia e aproveite!"  
— *The Boston Chronicle*, sobre *Tempo de Vida*, de O'Hara  
— *El País* para *Uma Vida Longa e Saudável* e *The Street* Selection

# Tempo de Vida

Por que Envelhecemos —  
E Por que Não Precisamos

David A. Sinclair PhD  
com Matthew D. LaPlante



tempo, um roteiro para assumir o controle do destino da nossa própria saúde e uma nova visão ousada sobre o futuro da humanidade, *Tempo de vida: por que envelhecemos – e por que não precisamos* Editora Alfa Cult) mudará para sempre a maneira como pensamos sobre por que envelhecemos e o que podemos fazer sobre isso. "Um livro elegante e animador, que merece ser lido ampla e profundamente." – Siddhartha Mukherjee, vencedor do Prêmio Pulitzer e autor best-seller número 1 do *New York Times*".

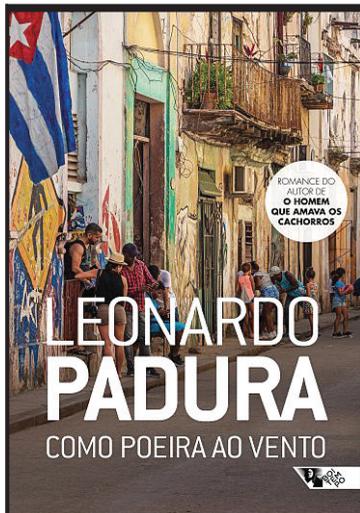
## RELÓGIO GENÉTICO

Um livro revolucionário do aclamado especialista em longevidade. Uma verdade, quase inegável, é a inevitabilidade do envelhecimento. Mas e se tudo o que nos fizemos acreditar sobre ele estiver errado? Como apresentado neste livro inovador pelo Dr. David A. Sinclair, aclamado cientista da Harvard Medical School e uma das pessoas mais influentes da revista *Time*: O envelhecimento é uma doença, e ela é tratável. Este trabalho revelador e provocativo nos leva às linhas de frente da pesquisa que ultrapassa as fronteiras de nossas limitações científicas e evidencia avanços incríveis – muitos do próprio laboratório de Sinclair – que demonstram como podemos desacelerar, ou até mesmo reverter, o relógio genético. Por meio de sua narrativa empolgante, Sinclair convida o leitor a embarcar no processo de descoberta científica, revelando as tecnologias emergentes e as simples mudanças de estilo de vida que têm sido demonstradas para nos ajudar a viver mais jovens e saudáveis por mais tempo. Ao mesmo

## DESTINOS DE CUBA

O dia começa mal para Adela, jovem nova-iorquina de ascendência cubana, quando ela recebe uma ligação de sua mãe, que não está contente com as escolhas que a filha fez de se mudar para Miami e viver com Marcos, um jovem cubano recém-chegado aos Estados Unidos. Marcos conta a Adela histórias de sua infância na ilha, em meio ao Clã de amigos de seus pais, e lhe mostra uma foto da última refeição que o grupo teve 25 anos antes, quando ele era criança. Surpreendentemente, Adela descobre alguém familiar entre os rostos. E perde o chão. *Como Poeira ao Vento* (Editora Boi Tempo) de Eduardo Padura é a história desse Clã que sobreviveu ao exílio e à dispersão. O que aconteceu aos que partiram e aos que decidiram ficar? Como o tempo os transformou? O magnetismo do sentimento de pertencer e a força do afeto os aproximará novamente? Ou a vida deles agora é apenas poeira ao vento? Num enredo cheio de suspense, encontros, desen-

contros e reencontros, Padura acompanha a trajetória de seus personagens, todos e cada um buscando soluções para as difíceis circunstâncias que se abateram sobre o povo cubano no fim do século XX e no início do século XXI. É a história de uma Cuba e de muitos destinos. O livro já foi lançado na Espanha e na França, onde tem sido muito bem recebido. Na França, foi um dos indicados ao Prix Médicis Étranger, conceituado prêmio de romances estrangeiros. Uma leitura deslumbrante, um retrato humano comovente, outra obra-prima de Leonardo Padura.



ROMANCE DO  
AUTOR DE  
*O HOMEM  
QUE AMAVA OS  
CACHORROS*

**LEONARDO  
PADURA**  
COMO POEIRA AO VENTO



## OS MINEIROS

Desde os anos 1970, Sergio Miceli se destacou como estudioso da trajetória de intelectuais. Seus muitos trabalhos transformaram o modo de entender as relações entre cultura e sociedade. Este livro dá continuidade a esse projeto singular. No centro da análise estão Carlos Drummond de Andrade e seus contemporâneos em Minas Gerais. Aos vinte e poucos anos, Drummond dispunha de menos trunfos que os colegas. Sua formação dera-se em farmácia – o caminho natural seria o direito. Havia acabado de consumir um casamento que não lhe trouxe capital econômico ou social. E sua família estava falida. A proximidade com Gustavo Capanema, interventor em Minas e mais tarde homem forte do Estado Novo, é a chave que torna inteligível não só o seu percurso profissional na juventude, mas também as possibilidades de sua expressão poética. Se a contribuição da obra de Drummond não pode ser reduzida a essa circuns-

tância – e Miceli é o primeiro a reconhecer isso –, ela também não pode ser entendida longe desse contexto. *Lira Mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro* (Editora Todavia) traz ainda olhares sobre o modernismo paulista e sobre a classe política na Era Vargas. Em ensaio com foco nas obras de estreia de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, Miceli traça um panorama do escreto literário que integraria a Semana de 22, cravejado de tensões que seriam diluídas na fortuna crítica posterior. No terceiro e último texto, o autor examina a elite política dos anos 1930 e 1940 a partir do embate entre a União Democrática Nacional e o Partido Social Democrático, ainda hoje reconhecível nas feições da classe dirigente brasileira.

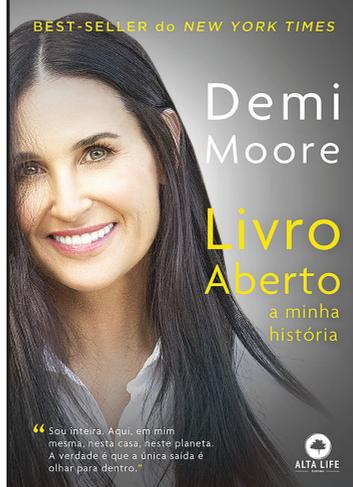


**LIRA  
MENSAGEIRA**

Drummond e o grupo  
modernista mineiro

SERGIO MICELI

BEST-SELLER do NEW YORK TIMES



Demi  
Moore

**Livro  
Aberto**  
a minha  
história

"Sou inteira. Aqui, em mim  
mesma, nesta casa, neste planeta.  
A verdade é que a única saída é  
olhar para dentro."



produtora, modelo e compositora norte-americana. É conhecida por suas atuações em filmes como *Ghost* (1990), *Proposta Indecente* (1993), *Stripease* (1996) e muitos outros. Ela deu voz à personagem Esmeralda, da animação *O Corcunda de Notre Dame* (1996), da Disney. Além da carreira, sua vida pessoal foi alvo de grande escrutínio da mídia, em particular seus casamentos com o ator Bruce Willis e depois com o ator Ashton Kutcher. Demi Moore vive em Hailey, em sua casa que se parece com um globo de neve, de frente para as árvores que levam ao rio, com montanhas cobertas de neve se estendendo por trás.

## LINHA TÊNUE

*Livro Aberto* (Editora Alfa Life) não é só uma história sobre adversidades, mas também sobre uma tremenda resiliência – é um retrato dolorosamente honesto da vida de uma mulher. Por décadas, Demi Moore foi sinônimo de glória. Dos papéis icônicos aos relacionamentos, ela nunca saiu dos holofotes – nem das manchetes. Mesmo quando ela era a atriz mais bem paga de Hollywood, seu passado a assombrava, com as dúvidas e as inseguranças que definiram sua infância. Traumas, vícios e problemas com imagem corporal a acompanhariam por anos – enquanto lutava contra a superexposição e a linha tênue de uma percepção pública negativa. Neste livro de memórias profundamente sincero e reflexivo, Demi Moore torna sua vida um livro aberto – o relacionamento conturbado com a mãe, seus casamentos, suas lutas para equilibrar o estrelato com a criação de uma família e sua jornada de autoconhecimento. Demi Moore é uma atriz,

## ROCK E OUTROS



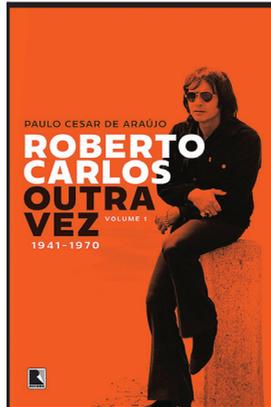
Dave Grohl  
O CONTADOR  
DE HISTÓRIAS

Memórias de vida e música

Desde a década de 1980, Dave Grohl está bastante presente na cena rock dos Estados Unidos. Com passagens pelo Nirvana, Screem, Queens of the Stone Age, entre muitas outras bandas e colaborações, as últimas quatro décadas têm sido, no mínimo, animadas para o líder e vocalista do Foo Fighters. Em *O Contador de Histórias – Memórias de vida e música*, com tradução de Alexandre Raposo, Jaime Biaggio e Leonardo Alves, Grohl relembra sua trajetória marcada por situações bizarras, dores inimagináveis e conquistas ainda maiores em um livro repleto de reflexões sobre rock, família e as encruzilhadas que encontramos na vida. Não é preciso ser fã do Nirvana ou do Foo Fighters para saber que Dave Grohl é uma das figuras mais queridas e respeitadas da música mundial. De sua entrada na banda punk Screem, no fim da adolescência, até o sucesso do Foo Fighters – passando pelos estrondosos anos no Nirvana –, tem uma trajetória marcada por situações bizarras, contratem-

pos inimagináveis, contratempos desconhecidos e ainda maiores. Em *O Contador de Histórias*, uma reunião de memórias de todos os períodos de sua vida, ele algo raro: um retrato íntimo e sincero de uma vida extraordinária feita de momentos comuns – e outros nem tanto assim. Repleto de nomes sobre rock, família, carreira e as encruzilhadas que encontramos na vida, esta autobiografia traz a perspectiva de um dos maiores nomes do rock sobre a fama, em relatos carregados de honestidade, emoção e humor. Da infância até os dias atuais, seja falando de seu amor visceral pela música, de sua conexão com sua cidade natal ou do orgulho que sente das filhas, o músico entrega agora em prosa toda a verdade que encontra em suas canções.

## O REI



PAULO CESAR DE ARAÚJO  
**ROBERTO  
CARLOS  
OUTRA  
VEZ**  
VOLUME 1  
1941-1970

Roberto Carlos é o maior ídolo da história da música popular brasileira. Recordista em vendas de discos é dono dos maiores sucessos do nosso cancionário popular, atingindo todas as idades e classes sociais. Neste primeiro volume da biografia Roberto Carlos Outra Vez (Editora Record), Paulo Cesar de Araújo parte de extensa e minuciosa pesquisa em documentos, arquivos, acervos e depoimentos para narrar o começo da vida e da carreira daquele que é chamado de Rei, da infância de menino pobre no interior do Espírito Santo ao estrelato. Autor de *Roberto Carlos em Detalhes* (2006), alvo de disputa judicial que abriu caminho para a histórica decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a liberação de biografias não autorizadas, Paulo Cesar de Araújo volta ao seu biografado mais ilustre com um livro novo, totalmente refeito e

que faz um casamento muito original entre as canções mais conhecidas e cada etapa da vida do artista. O livro é repleto de informações e histórias inéditas, curiosidades e detalhes incríveis, inclusive sobre como nasceram e foram gravados hits como *Jesus Cristo, Sua estupidéz*, *Quero que vá tudo pro inferno*, *É preciso saber viver*, *As curvas da estrada de Santos* e *Como é grande o meu amor por você*. Reconhecido hoje internacionalmente como um ícone romântico, neste volume vemos o jovem Roberto iniciando-se na bossa nova, depois astro do rock – dos musicais de televisão e do cinema. Com o parceiro Erasmo Carlos e outros que se tornariam grandes nomes da nossa música, estabeleceu as bases para o rock nacional. A Jovem Guarda influenciaria o comportamento da nossa juventude e a forma como a sua trilha sonora seria feita no país, alçando o cantor a um nível de sucesso inimaginável – uma beatlemania à brasileira, que provocaria debates, polêmicas e passeatas contra a guitarra.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

# A eternidade do poeta Thiago de Mello

Por Maria Cabral

“Como quem reparte pão, como quem reparte estrelas, como quem reparte flores, eu reparto meu canto de amor. Com uma estrofe apenas, eu me despeço – para permanecer com vocês. Me despeço para permanecer.”

Esse pronunciamento do poeta amazonense Thiago de Mello foi há cinco anos, durante um evento na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, em comemoração aos seus então 90 anos.

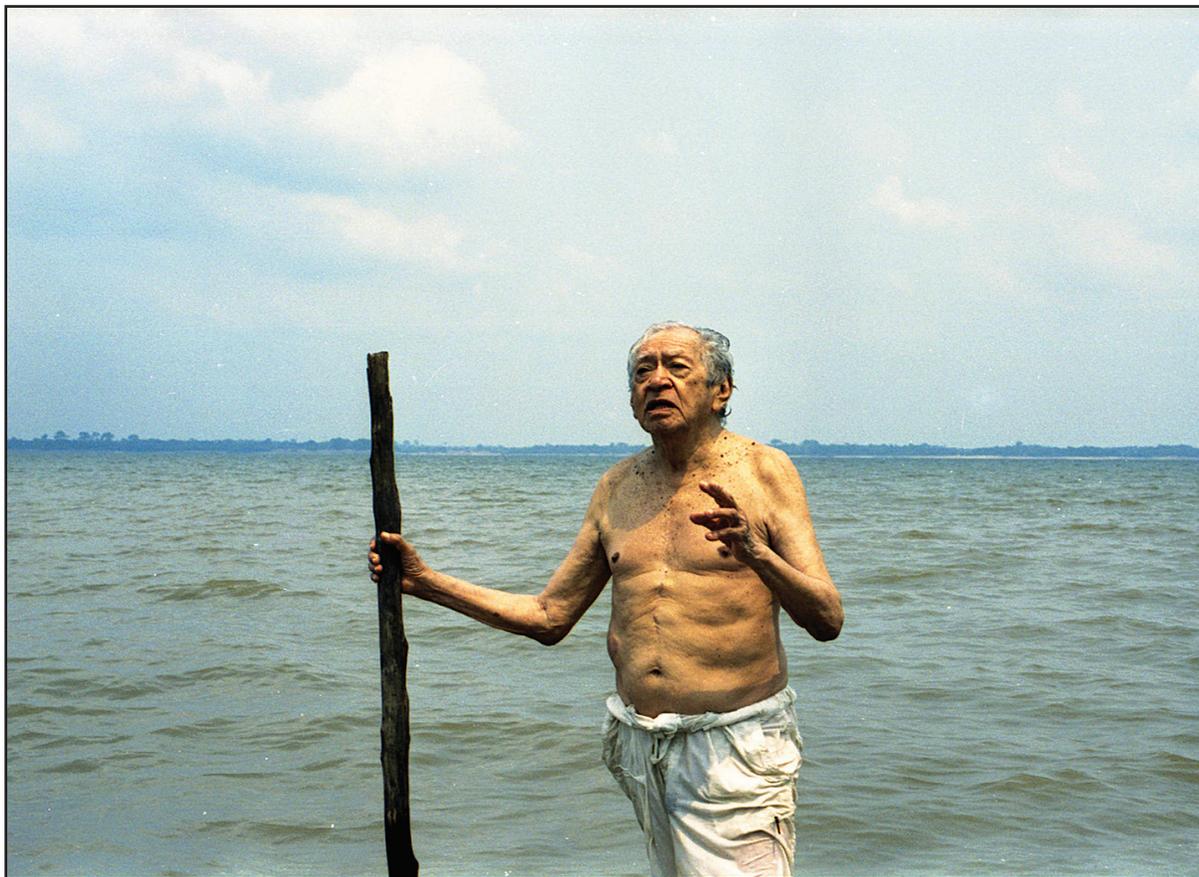
Com obras traduzidas para mais de 30 idiomas, um dos poetas mais respeitados do país, morreu em Manaus, no último dia 14 de janeiro, aos 95 anos, de causas naturais. Autor de obra icônica, alcançou reconhecimento internacional sem perder de vista o caráter regionalista.

Nascido em Porantim do Bom Socorro, no município de Barreirinha, no interior do Amazonas, em 30 de março de 1926, Thiago foi um dos escritores mais influentes do Brasil. Ficou famoso por usar a poesia para dar visibilidade não só às questões relativas à floresta, mas também aos direitos humanos.

Seu poema mais conhecido, *Os estatutos do homem*, se espalhou pelo mundo: “Fica decretado que agora vale a verdade/ que agora vale a vida/ e que de mãos dadas/ trabalharemos todos pela vida verdadeira”, diz a primeira estrofe.

Aos 20 anos, depois de passar a adolescência em Manaus, Thiago de Mello mudou-se para o Rio de Janeiro para fazer faculdade de medicina, mas trocou o curso pela carreira literária. Aos 21, lançou seu primeiro livro de poesia, *Coração da Terra*.

Em 1950, publicou o poema *Tenso por meus olhos* na primeira página do Suplemento Literário do jornal *Correio da Manhã*. Em 1951, veio *Silêncio e palavra*, livro acolhido pela crítica. Em seguida, lançou *Narciso Cego*, em 1952, e *A Lenda da Rosa*, em 1957.



Naquele mesmo ano, Thiago de Mello foi convidado para dirigir o Departamento Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro. Em 1959 e 1960, foi adido cultural na Bolívia e no Peru. Em 1960, publicou *Canto Geral*. Entre 1961 e 1964, foi adido cultural em Santiago, no Chile, onde conheceu o escritor Pablo Neruda e traduziu para o português uma antologia poética do futuro vencedor do Nobel de literatura.

Antes de voltar ao Brasil, em 1978, para se estabelecer em Barreirinha, morou também na Argentina, Portugal, França e Alemanha. Em 1975, foi reconhecido por sua luta em prol dos direitos humanos pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), que o aclamou pelo livro *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*.

Em 1984, publicou o livro *Manaus Amor e Memória*, seguido por *Amazonas, Pátria da Água*, de 1991, e *Amazônia – A menina dos olhos do mundo*, de 1992. Sua última obra, *Notícias da Visitação que Fiz no Verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus Barrancos*, foi lançada no ano passado.

Ao longo de mais de seis décadas de carreira, publicou 12 livros de poesia e oito de prosa. Em 1997 e 2000, ganhou o Prêmio Jabuti com *De uma Vez por Todas* e *Campos dos Milagres*, respectivamente. Anos depois, em 2018, recebeu outro Jabuti, o troféu Personalidade Literária, em reconhecimento ao conjunto de sua obra. Em 2021, foi homenageado pela 34ª Bienal de São Paulo, que usou o verso *Faz escuro mas eu canto* como tema do evento.

No ano passado, a Prefeitura de Manaus realizou a exposição virtual “Thiago de Mello 95 anos de vida, poesia e amor por Manaus”, a partir de acervos pessoais e públicos do poeta, com fotos, entrevistas e vídeos, que estão disponíveis no link <https://vidaecultura.manaus.am.gov.br/>



# Operação Walquíria

Por José Carlos Gentili\*

Vivenciamos tempos atuais com perplexidade e ansiedade, a relembrar os tempos nefastos, hitlerianos, quando um cabo austríaco, das falanges do Império Austro-húngaro, membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (uma espécie que lembra um partido brasileiro), com viés assemelhado e condutor das políticas propugnadas pelo Fórum de São Paulo, verdadeira metamorfose ambulante, entre o caos e o Holocausto, a gerar uma das mais horrendas hecatombes do século XX, ou seja – a Segunda Guerra Mundial.

Neste contexto floresce a figura da Princesa Dona Maria Adelaide de Bragança, neta do Rei Dom Miguel, destronado pelo Imperador brasileiro – D. Pedro I –, mais tarde D. Pedro IV, ambos filhos de D. João VI, fato determinante da Guerra Civil Portuguesa (1831-1834).

A busca pelo poder dos miguelistas por Queluz foi uma alternância, um verdadeiro vácuo de mando, ocasionado pela presença das tropas de Napoleão Bonaparte, comandadas por Junot, em terras de Portugal, quando o Regente D. João e sua mãe doentia, vieram para a colônia do Brasil.

Verdadeiro hiato imperial.

Finda a Guerra Civil com a Convenção de Évora Monte, o destronado D. Miguel é exilado para a Alemanha, onde casou com a princesa tedesca Adelaide de Lowenstein-Wertheim-Rosemberg, e gerou uma linhagem da qual era integrante Maria Adelaide de Bragança.



Dona Maria Adelaide de Bragança – Princesa portuguesa (1912- 2012) que enfrentou Hitler.

Centenária criatura, que trabalhou na Áustria como enfermeira e foi condenada à morte por Adolfo Hitler, por duas vezes, em decorrência de chefiar missão da Resistência, que tinha por escopo proporcionar a fuga de judeus e perseguidos pela SS, dos nazistas.

Detida a primeira vez, foi salva face à interferência de Salazar.

Preso pela segunda vez, face ser agente da Resistência, com codinome Mafalda, a interligar os ingleses com o Conde Claus von Stauffenberg, na Operação Walquíria, que atentou contra a vida do Fuhrer.

Após, liberta pelos soviéticos, os primeiros a chegarem ao bunker de Hitler, em Berlim, final da Segunda Guerra Mundial, Maria Adelaide de Bragança foi para Portugal, em 1949, onde faleceu, em Lisboa, em 2012, aos cem anos de existência.

Historicamente é interessante a fixação de seu codinome Mafalda!

Deve-se à outra princesa, integrante da Resistência, Mafalda de Saboia, filha do Rei Victor Emanuel III, da Itália, casada com o bissexual (LGTBI+) Filipe de Hesse Cassel, admirador de Benito Mussolini e dos ideais fascistas. A Gestapo prendeu-a em Roma, e levou-a para o campo de concentração de Buchenwald.

Mafalda e Maria Adelaide eram contrárias aos ideais do Partido Nazista!

Maria Adelaide de Bragança é um ícone na luta contra as anomalias de toda ordem, quer no âmbito executivo, legislativo e, em especial, na órbita judiciária.

A propósito, convém lembrar o jurista Rui Barbosa (Ruy Barbosa de Oliveira), que enunciou lapidar e irretorquível opinião:

“A liberdade não é um luxo dos tempos de bonança; é, sobretudo, o maior elemento de estabilidade das instituições.”

Está na hora de o Brasil e sua gente refletirem acerca da liberdade e dos pilares da democracia, e estabelecer ordem na casa!

Caso contrário, as Marias Adelaides e as Mafaldas de Saboia terão que voltar a desempenhar seus papéis!

\*José Carlos Gentili é jornalista.

Toda teoria  
tem um LADO  
PRÁTICO.  
ESTÁGIO  
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



# LANÇAMENTO

ANTONIO  
CANDIDO  
AFETO E  
CONVICÇÃO

edições  
**Sesc**

## ANTONIO CANDIDO afeto e convicção

Vários autores

Obra registra um conjunto inédito de visões sobre o legado de um dos principais pensadores brasileiros, enfatizando sua atuação como mestre dotado de profundo senso ético e social, formador de gerações de críticos.

“Em seu traço ensaístico, afeito à oralidade, que é um timbre de seu próprio modo de ser, podemos reconhecer marcas da absorção de muitos procedimentos da rebelde expressão modernista. Basta percorrer seus escritos para saber que Antonio Candido desde cedo manifestou apreço pelo tom coloquial, claro e conciso, que acompanha o ritmo de sua fala, permeada por nuances de humor. Desprezando a pompa dos adjetivos, dos preciosismos, dos torneios verbais, apartou-se ainda do pedantismo de certa terminologia especializada, para com isso evitar em seus textos qualquer tipo de obscurecimento. Pode-se dizer que, em larga medida, encontrou nesse procedimento também um modo de socializar conhecimento. Sua linguagem “livre e lépida”, por meio da qual flui a penetrante reflexão crítica, “sente a pulsação oculta da obra”, como captado por Carlos Drummond de Andrade em “Esboço de Figura”. Assim, em seus escritos, Antonio Candido conjugou imaginação crítica, rigor e densidade analítica, quase sempre produzidos na forma breve do ensaio.”

Maria Augusta Fonseca | Professora livre-docente de Teoria Literária e Literatura Comparada (USP).